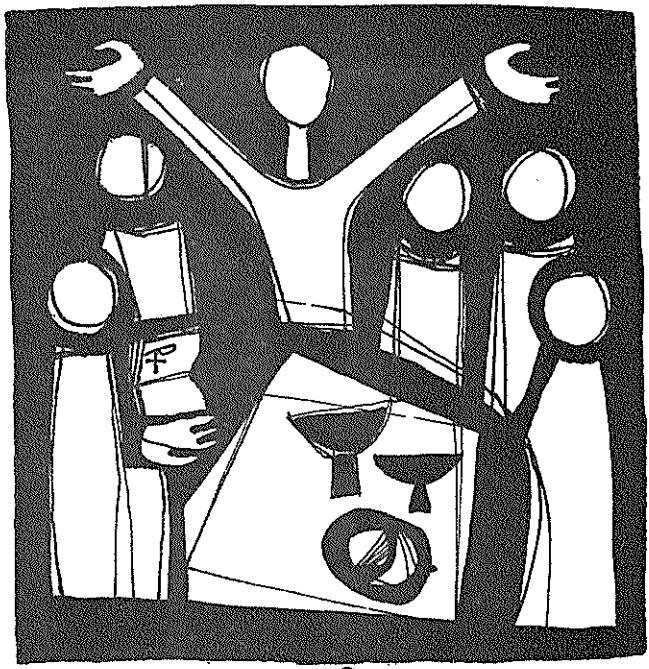
MISTÉRIO PASCAL 1

(EDIÇÃO REVISTA E ACTUALIZADA)



novellas divarum

mistério pascal e «pacem in terris»

A linguagem do serviço, da «paz na terra», os homens de hoje entendem-na. A linguagem da liturgia, se for expressão da fé e do serviço fraterno da comunidade, explicará que é no Mistério Pascal de Jesus Cristo que está a fonte da fé, da esperança e do amor dessa comunidade.

P. FERNANDO BELO

liturgia quaresmal — introduções e admonições

A comunidade cristã, reunida em assembleia litúrgica, alimenta-se da Palavra e do Pão vivo para ser no mundo o sacramento da Páscoa do Cristo.

Septuagésima 23
Sexagésima 31
Quinquagésima 38
Quarta-Feira de Cinzas 47
Primeiro Domingo da Quaresma 58
Segundo Domingo da Quaresma 64
Terceiro Domingo da Quaresma 70
Quarto Domingo da Quaresma 76
Primeiro Domingo da Paixão 83
Domingo de Ramos 89
Quinta-Feira Santa 97

novellae olivarum

Revista dos Alunos do Seminário dos Olivais — Lisboa

DIRECTOR E EDITOR Ernesto Fernandes • CHEFE DE REDACÇÃO Manuel Mourão

ADMINISTRADOR Luís Osório Gonçalves

Avulso: 12$50 • Mistério Pascal le2: 20$00

COM AS DEVIDAS LICENÇAS DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA | PÁSCOA 1967 | COMP. E IMP. NA TIPOGRAFIA DA EDITORIAL IMPÉRIO, LDA

Capa de Jorge Vilaça

novellae olivarum

PÁSCOA 1967

este número
foi revisto e actualizado
pela equipa de liturgia
de novellae olivarum:
carlos henriques, dario
lourenço, josé pires

editorial

«O Vaticano II estabeleceu um começo de «aggiornamento», um princípio de renovação. Deu passos de penitência e de conversão, sempre, aliás, proveitosos. Mas isto é apenas o começo de um começo. É muito importante, não há dúvida. Mas não passa de início de um começo. Tudo, quase tudo, está ainda sòmente no papel. E o papel escrito pode ser transformado em espírito e vida, serviço, fé e esperança.
A Igreja, no concílio, assumiu um compromisso. Terá agora de cumpri-lo. E a Igreja — eis uma verdade fundamental, feita de espírito e de fogo — a Igreja somos todos nós.»

As condições do nosso tempo tornam ainda mais urgente o cumprimento deste compromisso, a realização desta nova arrancada para o futuro. Manifestar a todos os homens o seu mistério de unidade na caridade, gerado na Páscoa do Cristo — eis o compromisso da Igreja, eis o dever da Igreja.

A Igreja somos todos nós. A cada um de nós, chamado por Deus a realizar a salvação e a libertação do mundo, a cooperar fraternalmente no serviço da família humana, a contribuir para a consolidação da paz em todo o mundo, é pedido coragem e amor para servirmos com maior generosidade e eficácia os homens do nosso tempo. É a própria palavra do Senhor que nos julga: «todos reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros» (Jo. 13/35), pois não são aqueles que dizem «Senhor, Senhor» que entrarão no reino dos céus,

mas aqueles que cumprem a vontade do Pai e que passam corajosamente à acção. Porque a vontade do Pai é que reconheçamos o Cristo nosso irmão em qualquer homem e de facto o amemos por palavras e por acções, dando assim testemunho da verdade e partilhemos com os outros o amor do Pai. (cf. L. G. 93).

Como dissemos, é a própria palavra do Senhor que nos julga, é essa mesma palavra que nos convida à conversão, à passagem da morte para a vida, «a estabelecer a paz pelo Sangue da sua Cruz» (Col. 1/20). A nossa conversão é tanto mais urgente quanto temos traído a nossa missão, deixando que o mundo novo a construir-se seja um mundo de horizontes estreitos e anquilosados, um mundo em que o homem não constitui, como é patente, o centro e o fim de toda a vida da sociedade. Assim, «enquanto grandes multidões carecem ainda do estritamente necessário, alguns, mesmo nos países em vias de desenvolvimento, vivem na opulência ou esbanjam as suas riquezas. O luxo coexiste com a miséria. Um pequeno número de homens dispõe de um grande poder de decisão, enquanto que muitos estão quase inteiramente privados de quase toda a iniciativa pessoal e responsável; muitas vezes, as suas condições de vida e de trabalho são indignas da pessoa humana. Semelhantes desequilíbrios económico-sociais se verificam entre os sectores da agricultura, da indústria e dos serviços, assim como entre as diferentes regiões de um mesmo país.» (L. G. 63).

É necessário que a nossa fé ganhe um novo carácter de decisão, que a nossa vida de cristãos no mundo se desembarace dos conformismos e das meias medidas para responder total, enérgica e arriscadamente às exigências da justiça e da equidade e eliminar o mais depressa possível as grandes e por vezes crescentes desigualdades económico-sociais existentes, acompanhadas de uma discriminação individual e social. (cf. L. G. 66). Temos presente as palavras do Papa: «é a Paz que deve guiar o destino dos Povos e de toda a humanidade». A Paz não é ausência de guerra, não é equilíbrio entre forças opostas, não é dominação despótica. A Paz é «obra da justiça», a Paz é «obra do amor».

«A Paz terrena, que nasce do amor do próximo é, ela própria, imagem e efeito da Paz de Cristo que vem do Pai. Pois o próprio Filho incarnado, Príncipe da Paz, reconciliou todos os homens com Deus pela sua Cruz, restabelecendo a unidade de todos num só Povo e num só Corpo. Extinguiu o ódio e depois do triunfo da Ressurreição derramou no coração dos homens o Espírito de amor» (L. G. 78).

As palavras de João XXIII, passados que foram três anos, aparecem-nos hoje com um vigor e uma actualidade proféticas: «elevemos, nestes dias sagrados, suplicante prece Àquele que na sua dolorosa Paixão e Morte venceu o pecado, factor de dissensões, misérias e desequilíbrios, e em seu Sangue recon-

ciliou a humanidade com o Pai, trazendo à terra os dons da Paz: «este é, de facto, a nossa Paz, Ele que fez de uns e outros um só,... e veio anunciar a boa-nova da Paz, Paz para vós que estáveis longe, e Paz para aqueles que estavam perto». Na liturgia destes dias ressoa a mesma mensagem: nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitado, de pé no meio dos seus discípulos, disse: a Paz está convosco, aleluia. Alegraram-se os discípulos, vendo o Senhor. Cristo trouxe-nos a Paz, Cristo deixou-nos a Paz: «deixo-vos a Paz, dou-vos a minha Paz. Não é como o mundo a dá que Eu vo-la dou». Esta Paz, peçamo-la com ardentes preces ao redentor divino que no-la trouxe. Afaste ele do coração dos homens tudo quanto pode pôr em perigo a Paz, e os transforme a todos em testemunhas da verdade, da justiça e do amor fraterno. Ilumine com a sua luz o espírito dos responsáveis dos povos, para que, com o justo bem-estar dos próprios concidadãos, lhes garantam o feliz dom da Paz. Anime Cristo a vontade de todos os homens para abaterem as barreiras que dividem, para consilidarem os vínculos do amor fraterno, para compreenderem os outros, para perdoarem aos que lhes tiverem feito injúrias. Sob a acção da sua graça tornem-se todos os povos irmãos e floresça neles e reine para sempre essa tão desejada Paz». (Pacem in Terris 60).

mistério pascal e "pacem in terris"

PADRE FERNANDO BELO

«Será o homem contemporâneo ainda sensível ao mistério da Páscoa e à sua celebração na liturgia?» é a pergunta que todo o pastor não pode deixar de fazer e que convida os actuais e os futuros pastores a interrogarem, a tentarem ouvir o complexo mundo moderno, a escutarem as suas preocupações, o Espírito que sopra nele, como dizia Paulo VI a quando da sua coroação, a procurarem saber por onde podem os homens de hoje aceder às «maravilhas de Deus», presentes em sinal na Liturgia, na Páscoa de hoje.

Dos três anos em que exerci funções de Pároco, dois numa paróquia rural e um numa operária, a recordação da Celebração Pascal com gente simples é uma das que me são mais caras. Daí que me sinta chamado a dizer um pouco da reflexão que essas experiências me suscitaram, ao sentir a tentação que todo o pastor inquieto tem de se perguntar: «ainda hoje há Páscoa?»

Na Sexta-feira de 1963, pude anunciar, antes da Celebração da Morte do Senhor, que o Papa João XXIII publicara, na véspera, um encíclia sobre a paz, de que as «Novidades» dessa manhã davam já alguns extractos. Era «Pacem in Terris». Sabe-se o eco que ela teve um pouco por todo o mundo, ultrapassando muito o círculo dos cristãos. Lembro-me de um oficial da força aérea, inteligente e lúcido, não crente, que me dizia uma vez que a tinha sempre à cabeceira, e que quando os trabalhos da sua vida o traziam mais maçado, a abria para ler e aí recobrava calma e paz.

Se trago este exemplo, é para ajudar a ver um contraste: «o homem de hoje», que «parece menos sensível à linguagem dos sinais sagrados», não o é à «linguagem dos sinais dos tempos». Ora, o facto inesperado, e à primeira vista chocante, de «Pacem in Terris» ter sido proclamado em Quinta-feira Santa não revelará a intenção que João XXIII teve de aproximar as duas linguagens? É nesta perspectiva, que o título anuncia, que se vão desenrolar as reflexões seguintes.

a celebração de quinta feira santa como pertencendo ao tríduo pascal

É conhecido que, històricamente, a Liturgia de Quinta-feira Santa se constituíu alguns séculos mais tarde que a de Sexta, Sábado santos e Vigília Pascal. Tem-se procurado basear nele a relegação da Celebração da Ceia do Senhor para termo da Quaresma, nela ainda integrada, reservando-se o centro da Páscoa para o que, muito cedo, se chamou o «Tríduo Pascal».

A rpópria maneira como os dois números de «Novellae Olivarum» se estruturaram e dividiram os temas, testemunha essa interpretação. Há já alguns anos que me parece haver nisto algo do que tem sido denunciado como «arqueologismo litúrgico», e isto por razões tanto litúrgicas como bíblicas.

Começo por perguntar se, segundo a maneira de contar os dias em Liturgia, herança hebraica, a Celebração vespertina da Ceia do Senhor não está incluida no dia de Sexta-feira, e se portanto, hoje, não pertence de facto ao Tríduo Savro. Mais: não é clara

a intenção de unir as duas Celebrações de Quinta e Sexta-feira Santas no facto de a Reserva Eucarística ser retirada antes da Eucaristia comemorativa da Ceia, e de ser abrigatòriamente o que desta sobra que é servido na Comunhão de Sexta-feira? a quem é sensível ao modo essencial de participação na Refeição-sacrificial da Liturgia pela manducação do Pão *dessa mesma refeição,* não quererá isto dizer que na Sexta-feira se comunga na Eucaristia da véspera, porque o mistério que se evoca nesse dia é *um* com o de Quinta-feira? Mas é a interrogação da Bíblia que me parece decisiva.

o mistério pascal

Tentarei sugerir quatro pistas que possam ser seguidas para aprofundar o enraizamento humano, a dimensão de Incarnação, do Mistério Pascal. É claro que a Morte-Ressurreição-Ascensão de Jesus Cristo, e o Espírito enviado pelo Kyvrios se apresentam como o coroamento da vida de Jesus, aquilo que lhe dá sentido, a «sua hora» em linguagem joanina, a «vinda em poder do Reino dos Céus», na linguagem dos sinópticos. Em que consiste este Reino, tal como Jesus o anuncia, porque O leva esse anúncio à morte, como entender o aspecto sacrificial dessa morte e finalmente o significado da Ressurreição são os quatro pontos sobre que me proponho reflectir, sem a preocupação e a competência de ser exaustivo, mas apenas de indicar uma das perspectivas de aproximação do mistério do Reino de Jesus Cristo.

qual o reino anunciado pelo senhor jesus

«Convertei-vos, que está perto o Reino dos Céus» (Mt 4,17). É a primeira pregação de Jesus e é o desejo da vinda desse Reino que dinamiza todo o tempo da sua vida pública. «Eu vim lançar fogo sobre a terra, e que quero Eu senão que ele já se tenha ateado? Tenho um baptismo para receber e qual não é a minha angústia até que ele se realize!» (Lc 12,49-50). Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco» (Lc 22,15). Constantemente fala dele em imagens e parábolas e propõe as condições de entrada. Dois aspectos se me salientam nessas imagens: uma fraternidade e um crescimento misterioso até à universa-

lidade. Nenhuma delas, me parece, é individual (Povo, Igreja, cidade, banquete, bodas, vinha, rebanho, família, rede de peixes, Esposa-Igreja, etc.) trata-se sempre de uma fraternidade dos filhos de Deus, é o seu germinar como semente no coração dos homens, da humanidade, a sua plena realização e manifestação, que move Jesus, que lhe provoca angústia pelo tempo que tarda. As parábolas do lago ensinam que essa fraternidade cresce misteriosamente até à universalidade: crescimento que corresponde ao ritmo do homem, e são os homens livremente que nele devem ingressar; mistério que indica ser esse crescimento obra de Deus nas humanas liberdades e só à fé ser ela visível.

As condições de entrada são definidas com clareza em Mt 25,31-46 (um texto central de toda a Bíblia que a teologia até há pouco tempo pràticamente ignorava e que numa teologia post-conciliar deve iluminar todos os «tratados»): entra-se ou não se entra, no Reino, na medida do amor fraterno ao nível do partilhar do pão, da bebida, da casa, na medida da assistência aos doentes, da libertação dos presos e oprimidos. Os pobres aparecem como à parte, «estes meus irmãos», como se para eles a escolha já estivesse feita (como sugere aliás Lc 14,15-24; 16,29-31, e outros). A outra condição é a fé no Evangelho de Jesus enquanto a sua proclamação é presença do Reino. «aquele que acreditar e fôr baptizado, será salvo» (Mc 16,16). A fé é a iluminação do amor fraterno que permite, amando verdadeiramente o próximo, amar Jesus Cristo: «foi a mim que o fizestes». E quem «vê» Jesus, «vê o Pai» (Jo 14,9). Na epístola de São João: «quem não ama o seu irmão que vê, não pode amar a Deus que não vê» (1 Jo 4,20). Antes: «É este o seu mandamento: crermos no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar-nos uns aos outros, como Ele nos mandou. Quem observa os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 3,23-24).

É o tema da vida eterna, em São João, que corresponde ao do Reino de Deus, nos sinópticos.

A última citação feita confirma que as condições de entrada no Reino são bàsicamente duas: a fé em Jesus Cristo e o amor fraterno (parecendo Mt 25,37-40 insinuar que essa fé pode ter sido implícita em muitos casos, como hoje se diz em teologia a propósito da salvação dos não-crentes). E dizendo duas, introduzimos uma distinção intelectual, porque no Evangelho trata-se sempre de uma única atitude: a conversão para a entrada no Reino, o «nascer de novo, da água e do Espírito», o «Vem e

segue-me». Este «segue-me» indica que é na fé-amizade a Jesus Cristo que se faz a conversão.

O Reino está já presente em Jesus Cristo, os milagres são sinais da sua presença. Em que sentido são sinais? por um lado, enquanto revelam o amor fraterno de Jesus: o seu olhar que vê a festa de casamento estragada e proporciona o vinho que falta, que vê uma multidão com fome e multiplica pão e peixe, que vai ao fundo do desejo de saúde dos doentes e os cura, da dor dos familiares de mortos e os ressuscita, que está atento à miséria das famílias dos pescadores, sem peixe para esse dia, e lhes enche as redes. etc.; por outro, enquanto revelam o poder de Deus, presente nesse amor fraterno, e suscitam a fé dos que assistem. São sinal de um Reino de irmãos que se amam, na fé em que se entregam ao Pai comum, sinal do Reino que Jesus desejou ardentemente que enchesse a Terra.

qual a razão porque o anúncio do reino levou jesus à morte

Porque é que o anúncio deste Reino levou Jesus à morte? O contexto socio-religioso da Palestina, nos anos 30, revela o nacionalismo religioso de uma nação multi-secular ocupada por estrangeiros poderosos, em que a esperança messiânica está muito ligada à espectativa de uma libertação política, com a elevação de Israel acima de todas as Nações, numa intervenção espectacular de Deus, que libertará o seu país da opresssão egípcia.

Os capítulos 2 e 3 de S. Marcos mostram como uma oposição a Cristo se manifesta e se desenvolve, a partir dos «escribas do partido dos fariseus» (2,16) e dos «herodianos» (3,6). No capítulo 11 também os «sumo-sacerdotes» e os «anciãos do povo», e no 12 os «saduceus» estão incluídos no grupo que procura eliminá-lo.

São portanto as autoridades religiosas (sumo-sacerdotes e anciãos do povo) e os partiddos, uns declaradamente políticos (os herodianos), outros também preocupados com as tradições religiosas (os saduceus mais tradicionalistas e os fariseus mais progressistas). A todos unia a preocupação, mais ou menos intensa, de conciliação com os ocupantes, que ia da coexistência

pacífica à colaboração franca. É talvez o que mais distinguirá estes diferentes agrupamentos de «zelotes», uma espécie de partido político-religioso revolucionário, que fomentava motins contra os romanos, e parece ter sido o único agrupamento que não se opôs a Jesus Cristo, antes talvez tenha fomentado os movimentos para o fazer «Rei»[1].

O Reino que Jesus anuncia opõe-se às tradições religiosas (discussões sobre o perdão dos pecados, as purificações rituais, os jejuns, a observância do sábado: Mc 2 e 3), chegando mais tarde a anunciar a destruição do templo, sinal da presença de Deus no meio de Israel, e de que procurarão tirar argumento para acusar Jesus no Sinédrio (será ainda a grande luta da Igreja primitiva, nomeadamente de S. Paulo, e o fundamento da sua oposição entre fé e lei)). Opõe-se, porque propugna uma religião de «coração novo» Mt 5,7), «misericórdia» (Mt 9,13; 12,7), que S. João dirá «em espírito e em verdade» por oposição à adoração no templo (Jo 4,19-24), que é apresentada em contraste com a religião de lei e tradição (Mt 5, 6), de «sacrifício».

Ora, esta contraposição ameaça a posição privilegiada em Israel, face ao povo, dos opositores de Jesus e eles compreendem-no bem. O próprio Jesus, face à oposição crescente, afirma cada vez mais a universalidade do reino e a cessação da primazia messiânica de Israel (na parábola dos vinhateiros homicidas,, por exemplo: Mc 12,1-12), atacando directamente a classe dos «escribas e fariseus»: basta ler o tremendo discurso de Mt 23, que evoca os profetas mais violentos e o próprio João Baptista. Em S. João, acusa-os de terem «o diabo por pai» (8,44), numa discusão em que Deus e Satan se opõem (como em 2Co 6,14 e 1Jo 5,18-20), e que evoca irresistìvelmente a alternativa radical: «Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Lc 16,13, a aproximar do «mamona iniquitatis» de 16,9 e da terceira tentação do deserto: Mt 4,9). Enquanto os opositores identificam cada vez mais a causa religiosa com a causa nacional («o nosso lugar — isto é, o templo — e a nossa Nação»), aliás numa linha de compromisso oportunista com os ocupantes estrangeiros (Jo 11,45-53), Jesus, pelo contrário, distingue-as nìtidamente: «daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22,20), como também, e pela mesma razão, da causa dos revolucionários, recusando o título de «Rei» (Jo 6,15).

---

[1] Para se caracterizar melhor estes agrupamento, ver A. Robert e A. Feullet. Introduction à la Bible, vol. II, sec. II.

É a esta luz que podemos analisar os julgamentos, em que a morte já foi decidida (Jo 11,53), e em que se procura dar-lhe um carácter legal. No Sinédrio, é a «blasfémia» (de se apresentar como «Filho do Homem que se sentará à direita do Poderoso e virá sobre as núvens do céu» — Mt 26,54 — afirmação clara de divindade messiânica) que justifica, face à lei de Israel, a pena de morte. Mas no tribunal de Pilatos, a acusação faz-se a nível político, como revolucionário («excitando a nossa nação à revolta, impedindo de pagar os impostos a César e dizendo-se «Cristo Rei», Lc 23,2); no direito moderno, seria delito de atentado à segurança do Estado. Como Barrabás, foi acusado de ser «zelote» (a propósito, estes eram bem vistos do povo e Barrabás era uma espécie de um «resistente» da França ocupada da última guerra).

qual o significado da morte de jesus

A terceira questão que me propus abordar, leva-nos agora ao coração do Mistério Pascal: qual o significado da morte de Jesus? que sentido lhe deu Ele?

Diz o P.e Schillebeeckx: «Quando vê chegar històricamente a sua morte como um acontecimento violento, Jesus, levado sobretudo por essa oposição cada vez mais maçiça, interpreta, no círculo limitado dos seus discípulos, o sentido deste morrer e revela-o à luz da profecia do deutero-Isaías: é a morte expiatória que Deus preparou» para muitos «(isto é, para todos)»[2].

É no seu Corpo e no seu Sangue que o Reino se fará.

A opção decisiva que se lhe põe — Ele poderia constituir uma comunidade no deserto, como os essénios e renunciar a ser «sal da terra» e «luz do mundo» — é de ser fiel ao reino que anunciou, fiel até à morte. «Ora, como se aproximasse o tempo de ser levado deste mundo, tomou resolutamente o caminho de Jerusalém, como conta Lucas a opção (9,51). É a sede da humanidade, tornada fraterna na glória de Deus, que o move. «Ele que amou os seus que estavam no mundo, amou-os até ao

[2] Concilium, n.º 1, 1965, p. 55-56. Ver a sua reflexão sobre a essência post-pascal da Igreja. A quem a ideia de um progresso da consciência de Jesus possa chocar, recomendo E. Gutwenger, Ciência e Consciência de Cristo, in Concilium n.º 1, 1966, pp. 77-90.

fim» (Jo 13,1). «Ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida pelos amigos» (Jo 15,13).

Reune os discípulos pela última vez, numa Ceia de significado pascal (come-se a carne de um cordeiro, que evoca aquele cujo sangue libertou os hebreus da opressão egípcia), e começa-a pelo gesto simbólico de lhes lavar os pés, gesto proclamado solenemente em Quinta-feira Santa: é um gesto parábola que revela o sentido essencial da Eucaristia como memorial da Redenção, A frase-chave parece-me ser esta: «se Eu vos lavei os pés, Eu o Senhor e o Mestre, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (Jo 13,14). É um paralelo do que será a insistência dominante da Ceia: «dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que assim como eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros. É por isto que todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros» (Jo 13, 34-35, retomado em 15, 12-17 e no cap. 17, sob o tema da unidade). Não deixa de ser sintomático que estas formulações sejam relativamente citadas, apesar do seu quê de vago e genérico, que nos deixa fàcilmente tranquilos de consciência, e que a primeira o seja rarìssimamente, apesar de ser muito mais incisiva e concreta: «vós deveis lavar os pés uns aos outros».

«Se Eu vos lavei os pés», «como Eu vos amei»: é aqui que o amor fraterno toma no Cristianismo o seu aspecto específico. Não é um qualquer amor, é amar como Ele amou: os com fome, os sem vinho, os que trabalharam em vão, os doentes, os pobres, as prostitutas e os publicanos, convidados ao Reino à frente dos ricos, e o manter o primado deste Reino da fraternidade dos filhos de Deus vivo, quando se tornou incómodo aos poderosos.

Morreu pelos nossos pecados, diz-se habitualmente. É expressão que ao homem moderno não diz nada, falo por mim. Mas por debaixo dela está este embate contra o egoísmo dos que não quiseram o Reino e a cobardia dos que o seguiam, carregou com esse egoísmo no seu Corpo partido e no seu Sangue derramado, incarnou, fez-se carne até ao mais profundo da condição humana, alienada e escravizada. Aquele que veio anunciar a fraternidade, morreu na agonia, na solidão, na angústia; o que veio trazer a luz, morreu na escuridão da noite; o que se apresentou como fonte da água viva, morreu na sede; o que veio ensinar a amar os inimigos, morreu no meio da troça deles; o que nos ensinou a chamar Pai a Deus e a encontrá-lo no segredo do coração, morreu abandonado do próprio Pai, como o

fora dos irmãos. No alto da cruz — e por isso o crucifixo se tornou imagem preferida dos cristãos, a que infelizmente nos habituámos demasiadamente e já não compreendemos — o seu corpo pendurado é bem a revelação do pecado, o extremo onde leva o egoísmo e a cobardia, a revelação da morte.

«Isto é o meu Corpo que será dado por vós (1Cor 11,24). «Este cálice é a nova Aliança no meu Sangue, derramado em vosso favor» (Lc 22,20). A nova Aliança é a do Reino: por este Corpo e este Sangue sereis purificados e capazes de vos amardes uns aos outros, vós, egoístas; sereis tornados filhos do meu Pai. O sacrifício é Ele dar a vida por nós; o gesto significativo, sacramental, é Ele partilhar o Corpo e o Sangue com os que crêem nele. O meu Corpo será dado por vós: eis que o parto para que o comeis (a anáfora de Hipólito diz: «tomai, comei, isto é o meu Corpo que será partido («rompu», na tradução francesa) por vós»[3]. O meu sangue será derramado por vós: eis que o derramo para que o bebais. Por isso, muito profundamente, os primeiros cristãos chamavam à Ceia a «fracção do pão» (Act 2,42). O pão partido era único, no entanto, e factor de comunhão (cf.1Cor 10,16-17).

«Fazei isto em minha memória» (Lc 22,19). Não *apenas* o gesto sacramental de transubstanciação, mas *isto tudo* que eu estou aqui fazendo: reuni-vos para dar a vida uns pelos outros, para dardes o vosso corpo e o vosso sangue uns pelos outros, e fazei-o em minha memória, partilhando e comendo o meu Corpo e derramando e bebendo o meu Sangue. Lavai os pés uns aos outros. Reparti o vosso pão com os que têm fome, o vosso vinho com os que têm sede, os vossos fatos com os nús, recebei em vossa casa os sem abrigo, tratai dos doentes, libertai os prisioneiros e oprimidos. «Não são os que me dizem «Senhor, Senhor» que entrarão no Reino dos Céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos Céus. Muitos me dirão nesse dia: Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizámos? em teu nome que expulsámos demónios? em teu nome que fizemos numerosos milagres? E Eu então declarar-lhe-ei: Nunca vos conheci. Afastai-vos de mim, vós que violastes a lei» (Mt 7,21-23, a aproximar de 25, 31-46). Reuni-vos em minha memória, amando-vos uns aos outros como Eu vos amei. Em meu nome. «Onde

[3] Cit. in «Prières des premiers chrétiens», de A. Hamman, col. Le Livre de poche chrétien, ed. Fayard, p. 160.

dois ou três de vós se encontram reunidos em *meu nome,* Eu estou no meio deles (Mt 18,20).

É o mistério comemorado em Quinta-feira Santa e compreende-se que não se possa separar de Sexta-feira: a Celebração ficaria truncada, não se perceberia o sentido da Morte nem da Comunhão. Percebe-se também melhor que «Pacem in Terris» tenha sido promulgada em Quinta-feira Santa: nesse ano, aquele que tem na terra o poder de ligar e desligar no Reino dos Céus, na fraternidade de Cristo, disse-nos como nas situações concretas de hoje, se lavava os pés uns aos outros. A lista dos direitos da pessoa humana com que abre, actualiza as situações evocadas por Cristo em Mt 25,35-36. E vê-se que o Espírito que a anima (como a Constituição Pastoral «A Igreja no mundo contemporâneo») está no coração do Cristianismo, é «teologia social», como alguém disse. Mas ver-se-á melhor depois de reflectirmos sobre a quarta questão que me propus abordar.

qual o significado da ressurreição

À luz do que vim dizendo, que significa a Ressurreição?

O Corpo de Cristo pendurado no alto da Cruz é a revelação do pecado, do egoísmo e da cobardia humana. Deus «fê-lo pecado por nós» (2 Co 5,21). «É o cordeiro de Deus que *carrega* com o pecado do mundo» (Jo 1,29). Mas também o que os *tira* (duplo sentido da palavra grega)[4]. Porque o Corpo pendurado na Cruz é simultâneamente a revelação do amor fraterno do Filho de Deus. «Pai, em tuas mãos entrego o meu Espírito» (Lc 23,46). E o Pai de todos os homens aceitou esse Espírito nas suas mãos poderosas, e reenviou-o, «Espírito vivificante», aos homens, no Corpo do Cristo ressuscitado.

A primeira palavra deste aos discípulos reunidos, segundo São João, é: «A paz seja convosco» (Jo 20,19). É o fruto da ressurreição, a paz messiânica anunciada pelos profetas (cf. o artigo «Paix» do Voc. Theologie Biblique) e que o Senhor invocou desde o início da sua pregação: «O Espírito do Senhor está sobre mim, por isso me sagrou pela unção. Enviou-me a anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar aos cativos a li-

[4] Cf. L. Bouyer, Le mystère Pascal, Col. Lex Orandi, Ed. Cerf, p. 308 na 5.ª ed. de 1957.

libertação e aos cegos o recobro da vista, a dar a liberdade aos oprimidos, a proclamar um ano de graça do Senhor «(Lc 4,18--19). «Assim como o Pai me enviou (a anunciar a Boa Nova aos pobres...), assim eu vos envio a vós». (Jo 20,21). «Ide por todo o Mundo, proclamai a Boa Nova a toda a Criação» Mc 16,15. «Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até às extremidades da terra». (Act 1,8). «Vós sois o sal da terra». «Vós sois a luz do mundo» (Mt 5,13-14). Vós, os filhos de Deus, os que fizerdes reinar a paz (cf. Mt 5,9). A Constituição sobre a Igreja diz que ela é «o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com o Deus e da *unidade de todo o género humano*» (n.º 1).

A Igreja primitiva sabia-se uma fraternidade destinada a fermentar o Mundo. «Todos os crentes viviam unidos e punham tudo em comum; vendiam bens e propriedades e partilhavam os lucros entre todos, segundo as necessidades de cada um» (Act 2,44-45). E tinham a paz. (cf. 9,31i. Tinham entendido que era necessário escolher entre «Deus e o Dinheiro». Não é exemplo a repetir à letra, tem-se dito e é verdade. Mas este gesto tem valor salvífico, escatológico, e permaneceu ao longo dos séculos como apelo a que os bens da terra se destinam *primeiramente* a todos os homens, antes de ser susceptível de ser apropriado individualmente «segundo as necessidades de cada um». Apelo que sempre foi ouvido pelos cristãos que se quiseram renovar segundo o Evengelho, em comunidades de pobreza fraterna, e que o Concílio nos convidou a ouvir de novo. A pobreza fraterna é um dom da Ressurreição, ligada essencialmente à paz. Assim, a Páscoa ilumina «Pacem in Terris», convite do representante de Cristo ressuscitado, a uma fraternidade de paz, na justiça, na verdade, no amor e na liberdade.
Como? «Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos» (Jo 20,22-23). Os egoístas e cobardes que nós somos, recebemos da Igreja, Corpo de Cristo Ressuscitado, a conversão que nos purifica e que nos põe no caminho do amor fraterno e filial. «Com o Espírito Santo que descerá sobre vós recebereis a força ...» (At 1,8), a força de «vos amardes uns aos outros como Eu vos amei». É nesta que me parece dever ser interpretada a promessa de Cristo: «em verdade vos digo: aquele que acreditar em mim, fará também as obras que Eu faço. Fá-las-á mesmo maiores, *porque* Eu vou para o Pai (ligado este poder à Páscoa), e tudo o que pedirdes em meu Nome, Eu o farei» (Jo 14,12-13). É necessário recordar o que

atrás disse sobre os sinais do Reino: os milagres são atitudes de amor fraterno que revelam o «poder» de Deus. Isto significa que, depois da Ressurreição, o amor fraterno em quem tem fé no Deus vivo, é poderoso, de um poder misterioso e eficaz. Não pretendo propôr aqui uma concepção «milagrosa» da vida cristã, pois os milagres são «carismas» raros, que Deus suscita quando quer, mas sublinhar o que me parece ser um dos dados essenciais de uma espiritualidade pascal: o amor fraterno, tanto nas relações individuais, nomeadamente conjugais, como nas de empenho social e político para o bem das classes não privilegiadas, o amor fraterno concreto iluminado pela fé na Ressurreição de Cristo, tem uma eficácia misteriosa no sentido do crescimento da fraternidade humana para o Reino de Deus.

É o sinal previlegiado da Páscoa: «Sabemos que passámos da morte à vida, porque amamos os nossos irmãos» (1Jo 3,14). Porque na vitória da áscoa *tornou-se possível:* «os mandamentos de Deus não são penosos, porque todo o que nascer de Deus é vencedor do mundo, e a vitória que vence o mundo é a nossa fé» (1 Jo 5,3-4).

É nos actos em que essa possibilidade é apalpada concretamente que consistem hoje «as maravilhas de Deus»: do nosso egoísmo cobarde, de homens condenados à morte, Ele tira o amor fraterno dos filhos do Deus vivo. É o que S. João chama «nascer de Deus».

a construção da "paz na terra", sinal do reino

«O meu Reino não é deste Mundo», disse o Senhor a Pilatos (Jo 18,36). O Mundo de que fala a Bíblia é o mundo concreto, histórico, que Deus ama, mas marcado pelo egoísmo e pela cobardia; o mundo que está sob o signo de Satã, o «Príncipe deste mundo» (Jo 12,31), o das tentações, em que a terceira era o domínio sobre «todos os reinos do mundo e sua glória» (Mt 4,8-9). A vida vai-nos mostrando pouco a pouco o que isto significa (basta lembrar a fome, os contrastes sociais, as guerras... e a indiferença dos que o Evangelho chama «ricos»).

S. Paulo enumera uma série de exemplos em Gal 5,19-21, terminando: «os que se entregam a estas coisas não herdarão o Reino de Deus». Porque o Reino não é deste mundo. E continua: «O fruto do Espírito, ao contrário, é caridade, alegria, paz, abertura de coração, compreensão, bondade, fidelidade, mansidão, temperança» (Gal 5,22-23).[5] É deste mundo que é o Reino (cf. prefácio da Missa de Cristo Rei. É o Reino de uma «nova terra» que está germinando e «frutificará» pelo trabalho do Espírito, a nova Terra e os novos Céus (Ap 21,1) de Cristo Ressuscitado, a Terra Pascal. É a Terra para onde tende a Igreja, que a mantém em tensão escatológica e não a deixa ser deste mundo. É a tensão de reforma no coração dela: quando está muito perto deste mundo, o Espírito suscita uma reforma, como hoje começa a acontecer por obra do Concílio.

Porque a Igreja é a comunhão dos que crêem em Cristo ressuscitado e compartilham o seu Corpo e Sangue, como alimento da fé e do amor fraterno. São eles o «sinal sagrado» para os homens de hoje: «nisso todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» como Eu vos amei (Jo 13,35). O sinal da Escatologia presente e operante, da Páscoa hoje. Operante disse, não bastam «intenções». A «intenção» em Cristo de curar o paralítico não seria sinal do Reino, não levaria a multidão que assistiu a glorificar a Deus, a encher-se de temor a dizer: «Nós vimos hoje coisas estranhas» (Lc 5,26) as «maravilhas de Deus».

Como será a Páscoa operante hoje? Aqui volta a ser necessário pôr-mo-nos a escutar «Pacem in Terris», os documentos conciliares, nomeadamente a Constituição «A Igreja no mundo contemporâneo», *escutar os apelos repetidos e angustiados do Papa* Paulo VI a uma paz construída pelos homens. É necessário que nós, cristãos, aprendamos, à luz da Boa Nova, a discernir nos «sinais dos tempos» a maturação misteriosa «em dores de parto» da fraternidade nova que emergirá completamente na Parusia, na tranparência da glória de Deus, essa «glória que deve revelar-se em nós. A criação espera com inpaciência esta re-

[5] A maior parte destes termos foram estragados para nós, por séculos de uso deles, por uma espiritualidade muito «adocicada». Será necessário encontrar outros que exprimam todo o dinamismo poderoso mas contido, não agressivo, que estes evocavam nos primeiros tempos. O salmo 28, escatológico, termina assim: «O Senhor dará a força ao seu povo, abençoará o seu povo na paz». É uma paz cheia de força, uma força feita de paz, que é o fruto do Espírito.

velação dos filhos de Deus (...) ela guardou a esperança: porque a criação (a Terra) deve ser libertada da escravidão da corrupção para conhecer a gloriosa liberdade dos filhos de Deus» (Ro 8,19-21). Aprendermos a ver «a miséria do meu povo que reside no Egipto» (Ex 3,7), (por aqui começou a Páscoa) e a empenhar-mo-nos eficazmente por um mundo mais justo, mais verdadeiro, mais fraterno e mais livre para todos os homens.

A linguagem do serviço da «paz na terra», os homens de hoje, praticantes, indiferentes ou ateus, entendem-na. A linguagem da liturgia, se, como deve, fôr expressão da fé e do serviço fraterno da comunidade, explicará que é no Mistério Pascal de Jesus Cristo que está a fonte da fé, da esperança e do amor dessa comunidade. A fé em que o Espírito de Cristo ressuscitado nos transforma lentamente em filhos de Deus e irmãos do próximo; a esperança de que o trabalho desse mesmo Espírito fará emergir a nova humanidade no último Dia; o amor aos outros, especialmente aos oprimidos, amor que na noite da fé e na preseverança, nos leva a descobrir a face misteriosa do Deus que é Amor, do Pai de todos os homens.

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA E PROPAGANDA

CASA DE S. JOSÉ—PORTO

(FUNDADO EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços!

TELEFONE 2 28 86

liturgia pascal

- introduções
- admonições

domingo da septuagésima

«Não me será permitido fazer o que quero daquilo que é meu? Ou tu hás-de ter maus olhos por eu ser bom?»

apresentação das leituras

epístola (I cor. 2/24 e 10/1-5)

A epístola, tirada da carta de S. Paulo aos Coríntios, tem duas partes bastante diversas. A primeira, inserida no cap. 9, é o final de uma apologia pessoal de S. Paulo. Nestes poucos versículos o Apóstolo testemunha-nos que renunciou a diversos bens, inclusivamente à sua liberdade para, liberto em Cristo, fazer sobressair o Evagelho.

Para a segunda parte, um outro contexto. O cap. 10 é uma lição histórica.

Os cinco primeiros versículos chamam a nossa atenção para a experiência de Israel no deserto, convidando-nos a revivê-la. Intencionalmente essa experiência aparece-nos com um carácter nìtidamente sacramental (cf. 10/2 e 3; sob estes sinais, os judeus gozaram de uma misteriosa presença de Deus). No entanto, há uma profunda unidade no trecho que a liturgia nos apresenta.

Não é suficiente fazer uma experiência de contacto com o divino! No deserto Israel sentiu e viveu o amor profundo e eterno de Jawé: «Eu recordo a afeição da tua juventude, o amor das tuas núpcias, tu seguiste-me ao deserto » (Jer. 2/2).

«Contudo a maior parte deles não agradou a Deus, pelo que pereceu no deserto» (I Cor. 10/15).

É que para viver em fecundidade a experiência do amor de Deus, torna-se imperioso um esforço moral: «castigar o corpo, renunciar a muitas opções livres, mesmo legítimas, a favor de um bem maior».

A economia sacramental, porque não é um bem mágico, deve exigir necessàriamente ao verdadeiro cristão um esforço de ascese implicada na comunhão com Deus, que ela realiza.

evangelho (mat. 20/1-6)

É difícil verificar as etapas que o texto percorreu até hoje. Há uma certeza: teve várias releituras, insinuando cada uma delas determinada interpretação baseada numa terminação diferente.

O ver. 16b é provàvelmente uma adição do século II, pretendendo reagir contra uma corrente simplista, que afirmava ser suficiente para a salvação uma pertença nominal à Igreja. A conclusão do ver. 16 é da lavra de S. Mateus, embora retomada de 22/14, onde Jesus lembra aos Judeus a permuta de situações que se operará pela recusa do Messias por parte do povo eleito, e sua aceitação entre os gentios.

Mas o ver. 15 dá-nos a conclusão autêntica, a conclusão com que Jesus encerrou a parábola, lançando sobre ela uma luz extraordinária.

Mais uma vez Cristo ilustra a doutrina da Aliança, que é a manifestação clara do amor sobrenatural e gratuito de Deus. Por ela o homem é chamado a uma comunhão de vida e amor com Deus. Mas não é pelo facto de a ter firmado outrora com Israel que Deus fica inibido de manifestar gratuitamente o seu amor a todos os homens.

O carácter universal da Aliança, por que tanto lutaram os profetas, mostra-se claro em Cristo: «este é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos».
A atitude dos operários da primeira hora é uma reacção de exclusivismo já documentada em Jo. 4/2; Lc. 15/21-30; Ez. 18/25-29.

Partindo desta situação, Jesus faz doutrina sobre a Aliança. A justiça divina, cujo princípio fundamental é a bondade divina, não se rege por critérios humanos: transcende-os; a justiça divina é obra da sua bondade. Por isso o proprietário da vinha poderá dizer: «Porque sou bom».

palavra e rito

A mesma temática anima todas e cada uma das partes que constituem a Liturgia dominical, conferindo-lhes uma unidade inesperada.

No Evangelho, Jesus afirma que as cláusulas da Antiga Aliança não constituem razão suficiente para que Deus não possa testemunhar o seu amor a todos os homens.

Aos cristãos S. Paulo adverte que não é só pelo facto de estarmos inseridos numa economia de salvação que seremos salvos. Participando na Eucaristia, poderíamos ser levados a pensá-la como título suficiente ao direito de salvação. Mas a escese Quaresmal é a maneira concreta de pôr em questão esta atitude demasiado quietista.

mensagem bíblica

A primeira leitura refere-nos a experiência de Israel no deserto, sugerindo-nos assim o tema Bíblico.

Na Sagrada Escritura o deserto tem uma dupla significação religiosa. Começa por ser apresentado como o lugar que Deus não abençoou (Gen. 2/5, Is. 6/11), o lugar em que habitam os espíritos maléficos (Lev. 16/10, Lc. 8/29), etc.

Nesta perspectiva opõe-se à terra habitada, como a bênção à maldição.

Jawé escolheu este lugar como caminho de Israel em direcção à Terra prometida, precisamente porque quis ser guia do seu povo (Ex. 13/21). Aí os judeus deviam adorar a Deus (Ex. 3/17 e 5/1 ss.); receberam a Lei e realizaram a Aliança, sendo por isso constituídos em verdadeiro Povo de Deus.

Convocando Israel ao deserto, Jawé quis que o seu povo nascesse verdadeiramente nesse lugar, estadia privilegiada, mas provisória.

Foi um tempo de prova. O povo experimentou a grandeza da Providência divina, numa carência quase total de recursos humanos. Mas o teste foi negativo, favorecendo a manifestação grandiosa da misericórdia de Deus, deixando quase na sombra para a memória das novas gerações a infidelidade.

Os Profetas mantêm a nostalgia do tempo de deserto, considerando-o tempo de noivado de Israel, como seu povo, considerando-o um apelo à conversão e à fidelidade.

O simbolismo do deserto desempenhou logo de início um papel muito importante na compreensão da Igreja, peregrina de condição.

Para nós, que vivemos o fim dos tempos (II Cor. 1/10-11), S. Paulo encontra lições de situação nos acontecimentos do passado.

Baptizados na nuvem e no mar, somos alimentados pelo Pão vivo, novo maná, e dessedentados pela água do Espírito, que

brota no rochedo que é Cristo. Vivemos, de facto, um tempo de desespero, mas sacramentalmente.

O deserto continua a ser a via normal do povo cristão, via que se processa sob o signo da prova, até que entremos no repouso de Deus (cf. Heb. 4/1).

Não «endureçamos nossos corações». O caminho é difícil, é de fé. Supõe a tentação, o desfalecimento, a cobardia até: mas continuará a ser um apelo constante à renovação de vida. «Esta renovação é-nos concedida através dos Sacramentos, mas não se realiza sem uma opção de fé na liberdade».

catequese

Os números 14 e 15 da Constituição «Lumen Gentium aperfeiçoam uma doutrina construida ao longo da História sobre o que é e o que significa pertencer à Igreja.

Nem pertencer à Igreja visível é garantia inabalável de salvação, nem o adágio «fora da Igreja não há salvação» significa a reprovação de todos os que se encontram fora da Igreja visível.

Muitos cristãos empenham-se sèriamente numa prática individual dos sacramentos, convencidos de que isso representa automàticamente a salvação, sem perguntarem a si mesmos se estão na Igreja para procurar a própria salvação ou para cooperar na salvação da humanidade. Desde que Deus «chamou o seu povo de entre judeus e gentios para formar um todo», a nossa salvação só tem sentido quando realizada em comunidade.

Agora que a Igreja faz questão de se mostrar mais missionária, devemos discernir até que ponto a fé em Cristo, por sua natureza comprometedora, faz do pertencer à Igreja uma realidade verdadeiramente específica.

valor da assembleia convocada no deserto

Para nos fazer compreender a vocação comunitária do homem e as exigências de uma resposta baseada na fé, S. Paulo alude à constituição do povo de Israel em comunidade no deserto, onde foi chamado por Deus.

Foi o convite a uma experiência vital que antecedeu a entrada na Terra da Promessa.

Deus não se preocupou em facilitar demasiadamente o caminho: o povo experimentou as agruras do deserto, em que era preciso viver o dia a dia, sem outro penhor de segurança que não fosse a benevolência divina... e sentiu saudades da terra da escravidão, porque lhe oferecia outras vantagens! Torna-se assim mais clara e necessária a exigência fundamental de Deus, que é a resposta na fé à sua acção libertadora; por isso não basta suportar as provações de uma experiência, porque isso não assegura automàticamente a salvação. O plano salvífico de Deus exige um compromisso pessoal, uma adesão incondicionada, uma adesão ao próprio Deus, que implica uma conversão permanente.

Hoje a assembleia que responde à convocação divina só pode ser a assembleia dos crentes, isto é, daqueles que estão dispostos a abandonar-se totalmente nas mãos de Jawé e a entrar incondicionalmente no plano de salvação.

Para os judeus a instalação na Palestina foi um perigo sempre denunciado pelos Profetas: longe das provações, o Povo de Deus foi tentado a considerar-se salvo, porque era filho de Abraão... e o que Deus exige era a conversão constante dos corações.

São estas as exigências de uma conversão cristã.

cristo, centro de uma nova assembleia universal

A convocação divina só pode responder-se com uma adesão na fé, total e sem condições.

Jesus aderiu à vontade do Pai em completa disponibilidade interior. E também a Ele Deus não aplanou o caminho: Cristo

conheceu o fracasso aparente da sua obra e a morte de Cruz. Mas a sua fidelidade teve como consequência primeira a clarificação do sentido verdadeiro da Aliança: ela não comporta privilégios para nenhum povo; toda a humanidade é chamada a entrar na Família do Pai.

Fundada no amor, que é por identidade amor de Deus e dos homens, a adesão de Cristo tem um carácter universal: constitui-O princípio e origem de uma nova assembleia universal, enquanto primogénito da humanidade verdadeiramente querida por Deus, porque soube responder em plenitude à convocação do Pai.

a igreja, verdadeira assembleia do deserto

A Igreja, porque é Corpo de Cristo, é a verdadeira Assembleia do deserto. Com efeito, Deus amou tal modo os homens que lhes deu o Seu Filho; e a Igreja é o Corpo de Seu Filho; é nela portanto que toma corpo a gratuidade do amor divino; nela está a via única de salvação; com ela Deus comprometeu para sempre a sua fidelidade.

Em Cristo Deus fez uma Aliança com a humanidade inteira. A Igreja constrói-se quando proclama esta Boa-Nova, convocando todos os homens a constituir assembleia universal à volta de Cristo.

Atingido por esta convocação, o baptizado é chamado sem cessar a uma atitude de conversão. O Baptismo é ponto de partida para uma viagem árdua no despojamento total de si mesmo. Sentirá, até muitas vezes, a tentação de voltar às garantias da terra da escravidão.

A sua condição é apelo constante ao serviço de amor e a seguir Cristo. Não pode admitir por isso a sua salvação exclusivamente individual, uma vez que pertencer à Igreja é cooperar com Cristo na salvação da humanidade.

o apelo do missionário à conversão

Proclamar a Boa-Nova implica fazer um apelo à conversão. Mas será um perigo julgar que ela exige um desenraizamento cultural; ao contrário, sabemos que é essencial à autenticidade da Mensagem que ela integre todos os elementos humanos, culturais e característicos.

É que a Igreja não é exclusiva de um povo ou de uma cultura; todos devem sentir-se nela como em sua casa.

O apelo à conversão proclamado pelo Missionário, é, antes de mais, para si. Assim comprometido no caminho do amor, saberá caminhar com os irmãos à procura de resposta para as interrogações fundamentais do homem, num reencontro com Cristo, encontro esse que é vital e contínuo. Aceitando percorrer este caminho com o não crente, o missionário descobrirá riquezas ignoradas, aproximar-se-à ainda mais de Cristo, que lhe abrirá novas exigências de amor universal.

URBINO DE PINHO

admonições

Introdução

Irmãos!
Iniciamos hoje a nossa preparação para a Quaresma.
Durante estes domingos que nos levam à Páscoa da Ressurreição,
é-nos proposta a emenda de vida e o amor sincero de Deus.

Porque o nosso pecado é alguma coisa que prejudica os outros,
esta procura de conversão, de encontro com o Cristo,
só se realiza em comunidade.

Por isso, a Eucaristia e a Palavra de Deus, vividas em Igreja,
são a nossa força.

Celebremos, no meio da nossa assembleia, a Páscoa
que nos traz a libertação.

oração

Para que a nossa comunidade se converta na vida ao Senhor, oremos em silêncio

epístola

S. Paulo compara a nossa vida a uma corrida.
Para alcançar a vitória é preciso deixar algumas coisas e cumprir enèrgicamente por palavras e obras a vontade do Pai.
Não basta sòmente, como aconteceu aos Hebreus, confiar na Providência de Deus.
A nossa conversão exige um esforço de emenda de vida.
Ouçamos S. Paulo.

eucaristia

Vamos celebrar no meio da nossa assembleia a Eucaristia
a Ceia em que o Cristo dá a todos
o dom da fé,
a força para amar,
a remissão para os pecados.

depois-comunhão

Para que o Corpo do Senhor seja força para a nossa vida, oremos irmãos.

domingo da sexagésima

apresentação das leituras

epistola (II cor. 11/19-12/9)

Esta epístola de S. Paulo dirige-se à comunidade de Corinto, que tinha admitido no seu seio falsos pregadores.

O apóstolo chama a atenção à comunidade, não com ameaças,

mas dando um testemunho da sua vida. Testemunho que procura pôr a claro as dificuldades e o sofrimento do seu apostolado; testemunho de pobreza de meios, que contrapõe à ostentação, que costumava ser nota dos pseudo-profetas.

S. Paulo insiste bem na sua fraqueza, a única coisa de que ele se pode gloriar. A sua força não vem dele, mas de Cristo. E para que ele não se fosse encher de orgulho, o Senhor deu-lhe um sofrimento constante. Este sofrimento não se deve entender apenas no sentido físico, mas no sentido da oposição, da crítica e sabotagem, que continuamente faziam ao seu apostolado.

Deus emprega com Paulo a mesma pedagogia que com Cristo: é na prova que o Reino de Deus se estende e se constrói.

evangelho (luc. 88-4-15)

Este texto integra-se numa série de parábolas semelhantes: o trigo e o joio, e o grão de mostarda. No conjunto, estas parábolas chamam bem a atenção para a lentidão do crescimento do Reino, para a sua maturação penosa.

S. Paulo na epístola falou-nos das múltiplas dificuldades e obstáculos no seu apostolado, que o próprio Senhor já antes tinha profetizado, apresentando-nos em parábolas as oposições tenazes que sofreria o seu Reino: o Maligno que procura arrancar a palavra do coração daqueles que a ouvem; a leviandade que impede essa mesma Palavra de criar raízes fundas no nosso ser; os negócios, a riqueza e os prazeres, que são como espinhos que sufocam a Palavra. Mas há no entanto uma terra boa onde a semente dá fruto pela perseverança.

palavra e rito

A Palavra do Senhor hoje e sempre leva ao sacrifício. Ela constitui muitas vezes motivo de escândalo para o mundo.

O primeiro sacrificado por causa da Palavra foi o próprio

Cristo. Ele é a Palavra incarnada e, como diz S. João, as «trevas não O aceitaram», pelo que foi morto: a Palavra incarnada amou até ao fim, e aceitou ser «Palavra imolada».

A Eucaristia é a repetição viva dessa imolação inicial que nos trouxe a graça: Cristo oferece-se como vítima sem mancha ao Pai por todos nós e por todo o mundo.

O compromisso do Senhor vai até ao fim. Ele dá-se todo: «se o grão de trigo não morrer não dará fruto». Mas esse compromisso não nos deixa de fora, ele compromete-nos também. A Eucaristia vivida é terrìvelmente cmprometedora para nós cristãos. Também nós temos de morrer: primeiro para o pecado e para todo o triunfalismo, que vê a acção da Igreja ligada ao poder e à ostentação; depois, por causa da Verdade que mata; daí que a vivência do cristão, que procura ser verdadeiro, se torna por vezes muito dura, crucificante.

tema bíblico — o resto de israel

a aliança com o pequeno resto

Desde o princípio que Deus enceta a sua obra a partir dum pequeno resto, com quem faz uma Aliança, a qual contém uma promessa: é assim com Noé e sua família, com Abraão e o seu clã, com Israel (pequeno povo no meio de grandes impérios). Este pequeno resto é a semente que fica da destruição pelo dilúvio. Deus assiste-o de uma maneira especial, mas ele não saberá ser sempre fiel. Daí que surjam revezes, mas Deus, que é paciente, vem sempre em auxílio do Seu pequeno resto.

Este pequeno resto começa por ter uma visão muito imperfeita do seu Deus. Tirando a afirmação explícita da unidade, que não deixa de ser ameaçada pelo culto de outros deuses, tudo o resto é muito obscuro. Para chegar à Revelação em Cristo, quantos séculos de preparação! Mas Deus não tem pressa, Ele que é Todo Poderoso, não tem necessidade de construir o Seu Reino à força.

As dificuldades são reais, porque a presença do Maligno no

mundo é real. Ele não impede o progresso da obra de unificação e de restauração de todo o universo em Cristo, mas vai procurando minar essa obra, e torna-a uma tarefa dura e árdua.

Os judeus sofreram em quarenta anos de peregrinação pelo deserto, em opressões de reis estrangeiros, em deportações para Babilónia. S. Paulo sofreu uma perseguição sistemática, que dificultou sempre o seu apostolado. Hoje nós sofremos, se quisermos testemunhar o Cristo na nossa vida.

A maturação do Reino é lenta como a evolução do universo. Deus não queima etapas: conta com a nossa liberdade e conta com o tempo que Ele criou.

o sacrifício sinal dessa aliança

A Aliança feita com o pequeno resto é sempre selada com sacrifício. Este sacrifício vai aumentando no dom de nós próprios: começa por ser coisas exteriores (sacrifício de vítimas escolhidas por Abel e Noé), passa depois ao dom dos filhos (Abraão dispõe-se a oferecer o filho em sacrifício); nos profetas há já uma insistência no dom do nosso coração («estou farto do sacrifício de animais; Eu quero o vosso coração, o vosso arrependimento»); por fim atinge o dom total (Deus dá-se todo, incarnando e morrendo por nós): é a nova aliança, selada pelo sangue do Cordeiro de Deus (o Cristo). Esta Aliança, porque iniciativa divina, tem uma vitalidade tal que atingirá todos os homens e todas as coisas, «restaurará tudo em Cristo», como diz S. Paulo. No entanto, esta restauração não se faz à maneira duma revolta política. Ela é testemunhada por um pequeno resto, cuja lei é o Amor, e cuja condição é a dignidade e liberdade dos filhos de Deus [1]. Este pequeno resto é sinal da presença eficaz no mundo «d'Aquele que renova todas as coisas», e que no fim será «tudo em todos».

[1] Ver constituição Lumen Gentium n.º 9.

a atenção aos outros na linha do serviço

O cristão não pode ignorar os homens com quem vive. Se ele acredita que Cristo é o caminho, a verdade e a vida, ele não pode calar as convicções que lhe dão alento e esperança para caminhar. Não se trata duma obrigação imposta, mas duma necessidade que deve fluir da nossa vida alicerçada no Cristo. Ele veio trazer um fogo à terra e só quer que ele se ateie. Um fogo que arde sem se consumir — o Amor.

O cristão tem que ser homem de hoje. A vivência do Cristo não pode ficar presa a determinadas formas do passado. Cristo não fica prisioneiro de nenhuma cultura, nem de nenhuma raça — Ele está acima das culturas e raças, mas incarna em todas, se os cristãos dessas mesmas culturas e raças aceitarem a evolução, se se comprometerem nela, iluminados pelo Cristo, para quem caminha toda a evolução. Ele é o alfa e o ómega, o princípio e o fim.

O cristão é atento ao homem concreto. Ele é o homem aberto a todo o mundo e procura com muita verdade que as suas preocupações ultrapassem os horizontes limitados da sua aldeia, vila, cidade, ou país, Muitas vezes esquecemos que, ao nosso lado, vítima desse progresso e desse desejo vivido de liberdade, homens e homens são cilindrados nas suas aspirações mais profundas, ou nem sequer têm possibilidade de as sentir.

O Cristo que nós dizemos viver é para esses. Não teremos nós aprisionado esse Cristo? Ele quer continuar a ser servido, servindo-se das nossas mãos, da nossa língua, do nosso coração. Ele quer afrontar a indifrença e o fatalismo.

também nós somos semeadores da palavra

Não só aquele que dá catequese é que semeia, mas todo o cristão e em toda a sua vida. Não há uma vida de cristão para a Igreja e outra para o trabalho profissional ou para os fins de semana nocturnos... Não podemos fazer compartimentos estanques na nossa vida. Semear em todo o sítio é a condição do cristão.

Não se trata duma apologética sempre pronta a discutir, nem de entusiasmos excessivos, que impressionam, mas passam. Trata-se duma presença ao meio em que vivemos, duma procura de conhecimento, por dentro, dos seus valores e deficiências, dum amor dedicado a todos e a cada um dos que se movimentam nesse meio, dum testemunho de seriedade na tarefa concreta que temos de realizar. Só depois é que aparece a Palavra do Senhor Jesus, porque só nessa altura é que os outros nos pedirão para falar dela, e só nessa altura é que terão bases para acreditarem que o Cristo não são só palavras, mas vida: «Eu vim trazer a vida, e a vida com abundância» (Jo 10,10).

o padre no meio do campo

Ele surge no meio da comunidade, enviado pelo Senhor como seu ministro. Ele é responsável perante Deus pela sementeira que faz no seu meio; daí que ele não se pode poupar a esforços para conhecer os diversos terrenos do seu campo. Ele é ainda responsável pela semente, e tem de velar para que aqueles que semeiam com ele não a adulterem.

Ele, que tem de transmitir a Palavra, tem de ser o primeiro a dar um testemunho pessoal da vivência dessa Palavra na sua vida. Como o próprio Cristo, ele deve ser semelhante em tudo aos outros homens, menos no pecado.

Ele tem que ser ainda o sinal da paciência de Deus. Paciência assente na certeza de que o Senhor já veio, e que está com ele, mesmo quando não se vê a semente a crescer. Como João XXIII, que condenava os profetas da desgraça, ele deve tranformar sempre esta paciência num são optimismo. A leitura do Antigo Testamento poderá renovar em nós o sentido desta paciência lúcida, porque através da história «nós sabemos que Deus concorre em tudo para o bem dos que O amam» (Rom 8/28).

MANUEL MOURÃO

admonições

Irmãos,
nós estamos reunidos na Casa do Senhor. Unamo-nos num só coração e numa só alma para ouvirmos a Palavra que, neste domingo, Ele nos quer transmitir.

Hoje é uma palavra de esperança no Seu Reino que cresce e uma palavra de convite para semearmos com Ele no mundo a boa semente que é o Amor.

Renovemos a nossa fidelidade com a força que nos vem da participação no Corpo do Senhor.

oração

Peçamos ao Senhor a Sua constante protecção para as dificuldades de cada dia.

epístola

É na nossa fraqueza que se manifesta a força do Senhor. A vida do apóstolo Paulo mostra-nos bem esta verdade. Ouçamo-lo.

oração dos fiéis

Por todos nós aqui reunidos para que a semente da Palavra fique no nosso coração e dê muito fruto.

Pelas sementeiras de todos os campos da terra, para que elas cresçam e não deixem povos na fome e na miséria.

prefácio

Que a Palavra do Senhor penetre bem fundo em nós, que nos leve a reconhecer a nossa condição de Povo reunido. Povo que dá ao Pai toda a honra e toda a glória em Cristo Jesus.

oração

Peçamos ao Senhor que a Palavra, semeada por Ele nesta assembleia, frutifique nas nossas vidas.

despedida

Agora podeis partir, irmãos.
Firmados e esclarecidos no Senhor,
continuemos a transparecer o Amor que vivemos nesta Eucarestia.

domingo da quinquagésima

«Olhai: vamos subir a Jerusalém, e cumprir-se-á tudo o que os profetas escreveram sobre o Filho do Homem » (Lc. 18/31).

situação no tempo litúrgico

Contrariamente à liturgia da Septuagésima e da Sexagésima, onde se respira visìvelmente a angústia da Igreja de Roma perante a ameaça das invasões bárbaras, o domingo da Quinquagésima apresenta uma tonalidade bem diferente, de que a confiança e a alegria são as expressões mais salientes. Um simples confrontar das orações e cânticos daqueles dois domingos com os da Quinquagésima induz-nos fàcilmente a uma tal conclusão. Enquanto, por exemplo, o cântico de entrada do domingo da Sexagésima (sl. 43/23-26) é um grito de angústia dirigido ao Senhor na hora do perigo, o da Quinquagésima (sl. 30/3-4 e 2) exprime a confiança plena com que a Igreja se abandona nas mãos d'Aquele que ela considera como seu apoio firme e sólido refúgio (v. 4).

Donde vem este contraste singular com os domingos precedentes? Notemos que este domingo, muito justamente chamado da Quinquagésima, se celebra exactamente no quinquagésimo dia antes do domingo de Páscoa, tal como a festa do Pentecostes se realiza cinquenta dias após a festividade da Ressurreição do Senhor. Parece, assim, haver uma certa correspondência entre o Pentecostes e a Quinquagésima: enquanto aquele constitui o termo das solenidades pascais, esta inicia a nossa preparação em ordem a essas mesmas solenidades. É, de facto, no evangelho da Quinquagésima que, pela primeira vez, a Igreja nos situa no mistério da Paixão e Ressurreição do Salvador (cf. Lc. 18/31-33).

Ora, parece que é precisamente a este anúncio da solenidade pascal que a liturgia do domingo da Quinquagésima deve a sua

tonalidade alegre. Nestes cinquenta dias, a Igreja celebrará o triunfo de Cristo sobre o inferno e sobre a morte. Numa tal perspectiva, não conviria que a Quinquagésima nos permitisse saborear um pouco, em antecipação, a grande alegria da Páscoa do Senhor?

apresentação das leituras

primeira leitura: (I cor. 13/1-13)

A primeira leitura deste domingo adverte-nos que a prática da observância quaresmal tem valor apenas na medida em que for animada pela caridade. Dirigindo-se à comunidade eucarística de Corinto, S. Paulo proclama a excelência desta virtude, dando-lhe preferência sobre todas as outras, mesmo sobre a fé e a esperança (v. 13).

O Apóstolo, depois de apresentar a caridade como «um caminho» (I Co. 12/31), o caminho por excelência, já só ela pode levar o homem à contemplação de Deus, (13, 13), descreve em algumas linhas as características desta virtude (vv. 4-8a). Podemos dizer que todas essas características se encontram resumidas nas duas primeiras: a caridade é paciente, é benigna (v. 4a).

A paciência, «fruto do Espírito» (Ga. 5/22), consiste, realmente, em suportar o mal, qualquer que ele seja, venha donde vier, mas por amor de Deus e à semelhança de Jesus (Heb. 5/2; Ef. 4/2). A benignidade é a bondade, mas uma bondade que tem qualquer coisa de mais suave e delicado: é a disposição das pessoas que, libertas de todo o egoísmo, procuram apenas a felicidade do próximo, colocando nela toda a sua alegria.

segunda leitura: (Ic. 18/31-43)

Os discípulos de Jesus estavam naturalmente afeitos à ideia de um Messias glorioso, filho de David, que viria restaurar triunfalmente o reino de Israel. Jesus teve, entretanto, o cuidado de os preparar para a ideia da paixão e da morte, o que

fez várias vezes e gradualmente (cf. Mc. 8/31-33; 10/32-34; 9/32-34).

Na primeira parte desta perícopa do Evangelho de S. Lucas (vv. 31-34), aparece-nos exactamente Jesus a anunciar aos apóstolos, no contexto duma subida a Jerusalém (v. 31), tudo o que foi predito pelos profetas a respeito do Messias, e que iria ter a sua realização em Jerusalém.

Também desta vez, e à semelhança do sucedido noutras alturas (cf. Mc. 8/32-33; 9/1) os discípulos não compreenderam o sentido das palavras do Senhor. A alusão a esta falta de fé não é, aliás, a única nos evangelhos: outras são apresentadas, por vezes dum modo dramático; quando, por exemplo, Jesus fica com os doutores da lei, na sua primeira subida a Jerusalém, (Lc.2/41-50), os seus próprios pais «não compreenderam» (primeiro domingo depois da Epifania).

É à luz desta incredulidade dos apóstolos e dum modo habitual por parte de Jesus, que devemos compreender a inserção da segunda parte desta leitura, a cura do cego de Jericó. Jesus deve subir a Jerusalém para cumprir a Lei e os profetas, mas os discípulos não compreendem: permanecem autênticamente cegos perante as palavras que o Senhor lhes diz. É que para compreender o Mistério Pascal é necessário abrir os olhos da fé (cf. episódio dos dois discípulos de Emaús, onde S. Lucas sublinha que depois da explicação das Escrituras e da fracção do pão, «os seus olhos se abriram...» Lc. 24/26-31), e possuir o entendimento das Escrituras. É preciso admitir a insuficiência dos nossos meios humanos e «deixarmo-nos conduzir» (v. 40) por Alguém que nos ajude a descobrir a luz.

Verificamos, além disso, nos evangelhos, que Jesus, sempre que tem de se referir ou preparar alguém para o mistério da sua paixão e morte, faz acompanhar, antes ou depois, as suas palavras ou preparação por qualquer milagre ou outro fecto que atestem a sua divindade (cf. a tranfiguração do Senhor-Mt. 17/1-9; Mc.9/12-31). Nesta leitura, vemos que após o anúncio da sua paixão e morte, Jesus faz o milagre da cura dum cego, e é louvado pelos presentes (v. 43).

tema bíblico

Jesus fez o anúncio do Mistério Pascal no contexto duma subida a Jerusalém (v. 31). A peregrinação a Jerusalém era uma observância essencial na antiga instituição judaica, e converteu-se bem depressa em sinal de um autêntico itinerário espiritual: subir a Jerusalém significava a conversão interior à «lei que reside em Jerusalém» (Is. 2/3; Sl. 15).

Esta concepção encontrou profundo eco na vida de Jesus. Assim é que S. Lucas apresenta toda a vida de Cristo como uma lenta subida a Jerusalém, e S. João constrói o seu evangelho em redor das sucessivas peregrinações de Jesus a Sião (cf. Jo. 2/13; 5/1; 7/1-10; 10/22/23; 12/12).

O cristão nada mais tem a fazer do que seguir o Mestre, não já palmilhando este ou aquele itinerário que conduz a um determinado santuário, mas percorrendo o «caminho pascal», carregando a sua própria cruz, como Cristo fez em relação à sua (Jo. 14/4-6; Lc. 9/51-62; Mc. 10/35-44); a entrada na glória só se fará pelo caminho da cruz (Mt.16/26; 9/23; Jo. 16/28). O cristianismo, caminho verdadeiro posto à disposição do homem (nos Actos o cristianismo nascente é chamado «caminho» — Ac. 9/2; 18/25; 25/22), não é já uma lei; é uma pessoa, a pessoa de Jesus (Jo. 14/6). É n'Ele que os cristãos devem caminhar (Col. 2/6), em autêntica vida de amor (Ef. 5/2; I Co. 12/31), porque a Ele têm acesso Judeus e Gentios, num só Espírito, junto do Pai (Ef. 2/18).

palavra e rito

Toda a vida cristã é, pois, um caminho, uma marcha para um fim a atingir. Este fim, que para os Judeus, peregrinos em direcção à Terra Prometida, consistia numa felicidade meramente terrestre, identifica-se, para cristão, com a realização pascal do desígnio de Deus. Por outras palavras, o caminho que o peregrino cristão deve percorrer é o da fé e da caridade: iluminado pela fé, ele adere ao mistério da Redenção; revestido da caridade, identifica-se com Cristo, e todos o reconhecerão Seu discípulo (Jo. 13/35).

A Quaresma, que o domingo da Quinquagésima precede imediatamente, é um convite a entrarmos neste caminho espiritual, onde, na fidelidade à verdade (Sl. 119/30), na prática da justiça (Pr. 8/20), na procura da Paz (Is. 59/8), na preseverança na caridade (Ef. 5/2), na penitência (Mt. 7/13-14), e na humildade (Mc. 9/32-36), teremos já uma certa antevisão da Jerusalém Celeste. Esta missa é uma etapa nesse caminho: nela munimo-nos do alimento necessário, não apenas o Pão, mas a própria vontade de Cristo de obedecer ao Pai e realizar o seu desígnio (cf. Jo. 4/34).

catequese e vida

O cristão, enquanto vive no mundo, tem por condição o ser peregrino: nesta longa etapa que vai do Pentocostes à Parusia, ele, inserido no Povo de Deus, «prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus-conforme expressão do Concílio Vaticano II-, caminhando para uma pátria melhor, à semelhança dos antigos Patriarcas» (cf. Heb. 13/14; 11/10-16).

Apesar disto, e ao contrário do sucedido noutras religiões (por exemplo o islamismo), no cristianismo a peregrinação nunca chegou a ser instituição oficial, obrigatória, se bem que na História da Igreja tenham surgido inúmeros centros, onde constantemente afluíam peregrinos das mais diversas partes.

Este tema ocupa, no entanto, relevante importância nas fontes bíblicas, em que define muito bem a condição do cristão sobre a terra.

a peregrinação a Jerusalém na antiga instituição judaica

Após a tomada de Jesusalém, no reinado de David, a Arca da Aliança, que até então tinha acompanhado, nas suas mudanças sucessivas, a instabilidade de um povo nómada e da conquista de uma terra, passou a residir definitivamente na «cidade santa» dos hebreus. Ali devia acorrer todo o judeu em peregri-

nação, várias vezes no ano. O próprio Cristo não se furta a esta obrigação (cf. Lc. 2/41-52).

A teologia de Jerusalém, enriquecida sobretudo com a reflecção profética, apresenta-nos a «cidade santa» dos judeus com características diferentes da «cidade santa» de outros povos: por um lado, a verdadeira Jerusalém é, acima de tudo, a Jerusalém, dos últimos tempos, em que Yahvé manifestará a sua salvação, e por isso na peregrinação a Jerusalém está essencialmente significada a espera do Reino Escatológico; por outro lado, na mentalidade profética, a subida a Jerusalém só tem valor enquanto o peregrino está animado dum desejo de conversão: subir à «cidade santa» implica uma aproximação de Deus.

o povo de Deus, peregrino para o Pai na fé e na caridade

A exemplo de Jesus, peregrino da Jerusalém Celeste em toda a sua vida, em obediência total ao Pai (cf. Fil. 2/8-9), assim tem de ser a Igreja, Povo de Deus. No dizer da Constituição Dogmática sobre a Igreja, «Lumen Gentium», o Povo de Deus da Nova Aliança «tem por fim o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, deve desenvolver-se até ser também por ele consumado, no fim dos séculos» (L. G. 9). Na verdade, o Povo da Nova Lei realiza já o Reino de Deus, mas este só terá a sua consumação gloriosa no estádio escatológico da História da Salvação, quando os «justos brilham como o Sol no Reino de seu Pai» (cf. Mt. 13/43). Enquanto não chegar a essa consumação gloriosa, o Povo de Deus é um povo peregrino, em marcha contínua para a «Caso do Pai» (Jo. 13/1).

Não basta, porém, pertencer a este povo laços jurídicos. Não é suficiente pertencer à «raça de Abraão» mas é necessário ser «filho de Abraão», isto é, fazer as «obras do Pai». E a realização das «obras do Pai», por sua vez jamais será sinónimo de uma certa garantia, proveniente duma observância meramente formalista dessas obras. Jesus teve ocasião de denunciar isto algumas vezes (cf. Mc. 7/1-23).

O cristão está, por isso, sujeito a um esforço constante de renovação da sua fé e da sua caridade, alimentado na esperança. O elogio feito por S. Paulo à caridade (primeira leitura), e a

cura dum cego (evangelho), lembram-nos oportunamente esta dupla exigência da vida cristã, que a Igreja nos convida a intensificar dum modo especial durante a Quaresma.

o sinal por excelência do peregrino da Jerusalém celeste

O Reino inaugurado por Jesus, onde se adora a Deus em espírito e em verdade, (Jo. 4/23), sendo assim definitivamente ultrapassada a solução pagã do «espaço sagrado», está aberto a todos os homens, a todas as raças, a qualquer cultura. Não sendo deste mundo, esse Reino não conhece qualquer privilégio.

O cristão tem de estar aberto a esta dimensão universal do Reino, onde é peregrino. Ele apresenta como sinal por excelência da sua condição de peregrino do Reino de Deus, o universalismo, e como fonte adequada desse universalismo há-de revestir-se da caridade, pela qual abolirá todos os muros de separação que opõem os homens.

É também condição do peregrino do Reino que tenha os olhos fixos nas «coisas do Alto». Mas isto não significa evasão às responsabilidades que o cristão tem neste mundo; longe de o tornar estrangeiro às tarefas terrestres, a condição de peregrino que todo o homem reveste neste mundo dispõe-o a assumir melhor esssas tarefas, desenvolvendo-as e orientando-as para o fim último, a «re-união» de tudo em Cristo (Ef. 1/10). O universalismo da caridade há-de incarnar e revelar-se nas respostas concretas que os cristãos derem aos problemas do seu tempo.

a eucaristia, alimento do peregrino

A celebração eucarística é o rito novo que, na Aliança definitiva substitui a função do Templo de Jerusalém. Nela, o cristão -peregrino encontra um duplo alimento, que lhe dá força para caminhar sem desfalecimentos ao encontro do Senhor.

Antes de mais, tem à sua disposição a Palavra de Deus, verdadeiro alimento e fonte de Graça, como já se afirma no Anti-

go Testamento (cf. Am. 8/11; Dt. 8/3; Is. 55/1ss), e o N. T. solenemente confirma (para Jesus o Pão evoca a Palavra divina, da qual devemos viver diàriamente: Mt 4/4).

Mas porque esta Palavra incarnada se oferece em sacrifício, a adesão da fé comportará necessàriamente a comunhão neste sacrifício, no rito eucarístico. Aí o cristão encontra o complemento deste alimento da Palavra: o Pão tornado Corpo do Senhor, que dá ao homem a possibilidade de se alimentar, ao longo da sua marcha para o Pai, de Jesus Cristo, das suas palavras, dos seus gestos, da sua vida.

Alimentando-se, pois, da Palavra e Corpo do Senhor, o homem fica preparado para levar a cabo a sua peregrinação para o Reino, realizando o mesmo itinerário de obediência que levou Cristo à morte da cruz. Participando da Eucaristia, a comunidade cristã oferece, a exemplo de Jesus, o seu próprio sacrifício espiritual.

DARIO LOURENÇO

admonições

1. introdução

A nossa vida no Mundo
é um peregrinar contínuo para a «Casa do Pai».

Numa atitude de fé, celebremos a Eucaristia,
em que o Senhor se dá aos homens para salvação do mundo.

Seja a nossa caridade testemunho da nossa união a Cristo.

oração

Para que o Senhor nos liberte dos laços
que nos prendem ao pecado, oremos ao Senhor.

2. liturgia da palavra

A Quaresma é o tempo de preparação para a Páscoa.

**Esta preparação só terá sentido na medida em que
for iluminada pela fé e vivificada pela caridade.**

**É este o ensinamento da liturgia da Palavra,
que hoje celebramos.**

oração dos fiéis

— **Pela Igreja de Deus,
para que através das perseguições e solicitações do mal,
caminhe sem cessar para a Pátria celeste, oremos.**

— **Pelos homens de todos os países, para que na construção
de um mundo mais fraterno, preparem o caminho que leva a Deus,
oremos.**

— **Pela nossa assembleia aqui reunida, para que tomemos consciência
de que a vida presente, é uma peregrinação para a Jerusalém celeste,
oremos.**

3. liturgia eucarística

**Somos uma assembleia
que o Senhor reuniu na fé e na caridade.**

**Pela participação nesta Eucaristia
há-de a nossa fé tornar-se mais viva
e o nosso amor estender-se a todos os homens.**

**Demos graças ao Senhor pelo dom da fé e da caridade
e peçamos que nos reúna todos no único amor do Pai.**

depois-comunhão

**Para que a Eucaristia nos ajude a vencer os obstáculos do caminho
que conduz ao Pai, em silêncio oremos.**

despedida

**Irmãos partamos para a vida, fortalecidos na fé e no amor;
Ide em paz...**

quarta feira de cinzas

introdução histórica da semana das cinzas

Primitivamente o «quadragesimale initium» era no primeiro domingo da Quaresma. Hoje é na quarta-feira de cinzas.

A cinza é um símbolo da brevidade da vida (Jób. 30/9) e da penitência (Jdt. 9/1; Jer. 25/34). A sua imposição aparece unida ao jejum (Dn. 9/3; Is. 58/5).

O rito actual das cinzas tem a sua origem no século X. A «estação começava na Igreja de Santa Anastácia com uma colecta. Cantava-se a antífona Exaudi e logo após, a oração Concede. Daí seguia-se para a Igreja de Santa Sabina, contando-se as ladainhas e as antífonas Inter vestibulum et altare e Immutemur habitu, visto que os penitentes recebiam o hábito penitencial.

O uso da cinza foi generalizado para toda a Igreja por Urbano II, em 1091.
A Quaresma é um tempo de retiro, de conversão, de penitência. Penitência, não só exterior mas também interior (Jl. 2/12-19). É o próprio Jesus Cristo que no-lo recorda no evangelho da missa de quarta-feira de cinzas.

O Jejum (quarta-feira) deve acompanhar a caridade para com o próximo (sexta-feira). Se morrermos, se nos mortificarmos, ressuscitaremos (quinta e sábado). Passaremos com a oração, jejum e caridade, da cinza (morte) à Luz (ressurreição).

A cinza é obtida pela cremação dos ramos de oliveira e palma que se usaram na celebração da entrada do Senhor no domingo de Ramos no ano anterior.

Por um lado, são ramos bentos tirados do uso profano, e por outro, a obtenção de cinzas através daqueles ramos simboliza

o caminho de morte que todo o que está manchado pelo pecado deve percorrer no tempo quaresmal. Da cinza sairá a vida definitiva.

Segundo alguns autores, como por exemplo Chavasse, a quarta e quinta-feiras de cinzas foram desde o século V, consideradas como uma espécie de embolismo da Quaresma.

As leituras destas duas férias estão em íntima relação com o envangelho do domingo que se segue.

A quarta-feira de cinzas dirige toda a sua atenção para o jejum, como se vê claramente quer na epístola (Jl. 2/12-19), quer no evangelho (Mt. 6/16-21), onde se especificam as condições espirituais que este exercício ascético deve possuir.

apresentação das leituras

epístola (jl. 2/12-19)

Este texto do livro de Joel, tal como todos os outros textos sagrados, deve ser visto à luz do seu contexto histórico, literário e religioso.

O livro de Joel parece ter sido escrito por ocasião duma desgraça caída sobre a Judeia, no ano 400 A. C. Uma invasão de gafanhotos e de ratos destruiu totalmente o país, deixando-o completamente como um deserto (Jl. 1/1-4; 2/3-5) a ponto de nada haver para os sacerdotes do Templo do Senhor (1/9) ofertarem em oblação e libação.

A narração do profeta perante isto é dupla: apela para um jejum oficial (a que corresponde a perícopa de hoje, porque Deus pode pôr termo à calamidade; e depois narra o Dia de Yahweh na escatologia (3-4).

Será este Dia que iniciará a era paradisíaca.

Deus é Todo Poderoso, e porque o jejum manifesta a unanimidade do Povo, na sua conversão (na sua conversão interior)

(2/13), Deus dará ao seu povo a sua benção e com ela as suas riquezas que permitirão manter os sacrifícios de oblação e libação quotidianas (2/14).

A resposta de Deus é descrita pelo profeta, como um voltar a uma era paradisíaca (2/19-26).
A catástrofe e o jejum oficial tornam-se símbolos das purificações e dos sofrimentos que farão entrar o povo, no dia do julgamento da nações, na era definitiva da felicidade (4/18).
O profeta Joel define as condições que tornam um jejum agradável a Deus e ao mesmo tempo define o seu alcance escatológico, penhor da felicidade e da vida com Deus.

evangelho (mt. 6/1-21)

A passagem do evangelho do dia localiza-se no grandioso sermão da montanha (cap. 5-7). A passagem refere-nos a última das antíteses que o autor juntou ao discurso que Jesus històricamente pronunciou na montanha.

Nele Jesus opõe um novo tipo de perfeição ao tradicionalmente legalista dos «fariseus». A novidade do seu ensino é a firmeza da afirmação de que a atitude religiosa é uma atitude inspirada pelo Amor do Pai, e não uma simples observância exterior.

O evangelista parece pretender com o sermão da montanha fornecer a uma comunidade particular de que ele conhece bem as necessidades, uma carta o mais definida possível da Lei Nova.

Referimos o esquema do texto do sermão da montanha para facilitar uma análise do texto evangélico, e uma melhor compreensão:

A. A Boa Nova do Reino Messiânico 5/3-16

1. As Bem-aventuranças
   a. as bem-aventuranças do Reino 5/3-5
   b. as bem-aventuranças da justiça 5/6-10
2. Transição: anúncio das perseguições: 5/11-12
3. Eficácia da prática do ideal das bem-aventuranças 5/13-16

B. A Lei Nova ou a Lei perfeita 5/17-x 7/12

1. O tema: Jesus não aboliu a Lei Antiga, realiza-a:
   no seu conteúdo: v. 19
   nas suas inspirações: v. 20

2. A Lei Nova realiza a Lei Antiga no seu conteúdo: v. 21-48

3. A Lei Nova realiza a Lei Antiga nas suas inspirações:

   a. o princípio: agir, não para ser visto pelos homens, mas por amor do Pai: 6/1
   b. três implicações típicas:
      a esmola: v. 2-4
      a oração: v. 5-6
      apêndice: a oração perfeita — Pai Nosso v. 7-15
      o jejum: v. 16-18

4. Os tesouros ou recompensas ligados à prática da Lei Nova: v. 19-34

5. O zelo pela Lei Nova: 7/13-27

tema bíblico: jejum

Um dos meios mais gerais para entrar em contacto com a divindade é o jejum.

Com a oração e a esmola, o jejum aparece como um dos meios essenciais para encontrar Deus.

Na Bíblia o jejum não surge como uma prática exclusivamente ascética, mas sobretudo como um exercício religioso. O jejum bíblico exprime o abandono a Deus (Dn. 9/13; Esd. 8/21) numa atitude de humildade. Veja-se o jejum de Moisés e o de Elias (Ex. 34/28; II Re. 19/8).

O jejum comunitário judeu estava relacionado intimamente com os acontecimentos trágicos nacionais (Zac. 8/19; 7/3-5). Era celebrado litùrgicamente para que no coração do povo judeu a lembrança dos acontecimentos do exílio não se diluísse.

Quando acabou o exílio, os profetas viram-se obrigados a insurgirem-se contra os formalismos do jejum (Am. 5/21; Jer. 14/12). Torna-se uma constante neles, a afirmação de que, para agradar a Deus, se exige ao jejum certas condições de caridade e de justiça (Is. 58/2-11; Zac. 7/1-14).

O jejum de Cristo no deserto significa o começo da missão messiânica, que comporta um abandono total à vontade do Pai (Mt. 4/1-4).

O jejum cristão deve ser uma volta para o Pai (Mt. 6/16-18) e sendo-o torna-se um sinal de união ao sacrifício de Cristo (Lc. 5/34-38; I cor. 9/25-27).

O jejum cristão é também um rito de tensão em relação à Vinda do Senhor, à Parusia. Enquanto o Esposo não regressa definitivamente, a comunidade cristã jejua (Mc. 2/19 ss.). O jejum está também intimamente ligado à recepção do Baptismo, como expressão de penitência e de espera da salvação (Act. 9/9), e ainda ao anúncio da Boa Nova. O enviado em missão aparece como que realizando o exercício supremo da caridade para com Deus e para com os seus irmãos. Veja-se, no envio de Paulo e Barnabé, a associação do jejum com a oração (Act. 13/3).

palavra e rito

A Quaresma é um tempo em que os cristãos habitualmente se comprometem a uma série de práticas: jejum, oração e esmola.

A doutrina que se extrai da Palavra, que é proclamada nestes dias da semana de cinzas, está unificada na afirmação de base que esta prática de si e por si não vale nada. Ela apenas tira o seu valor do que significa. É o verdadeiro significado de toda a ascese cristã, e a verdade de toda a ascese cristã vem da sua referência a Deus ou ao próximo.

A liturgia de quarta-feira de cinzas, ao localizar a unidade da sua mensagem na afirmação do jejum, como uma das inspirações da Lei Nova, não faz mais do que orientar-nos a reflexão e a vida para um dos temas de maior oportunidade nos nossos dias. Entre nós ocidentais, o jejum quer individual, quer colectivo, nunca foi tão desprezado como o é nos nossos dias. O jejum, em sentido estrito, aparece como algo que transtorna e prejudica o desenvolvimento e o equilíbrio da saúde e, mais grave do que isso, é que não se consegue fàcilmente vislumbrar a sua utilidade espiritual.

Com a reforma da prática penitencial, podemos dizer que o jejum colectivo que a reforma exigia, está hoje reduzido a quase nada.

O próprio jejum eucarístico aparece nos nossos tão facilitado, que quase não denuncia a sua significação.

Ao lado desta situação começou há não muitos anos a surgir, em particular na Alemanha, as chamadas «Operacões Esperança», cuja concretização última se localiza na campanha lançada ùltimamente pela comunidade de Taizé.

Parece surgir um novo laço de união entre a privação e a esmola. Surge como um revalorizador as práticas tradicionalmente tidas como penitenciais.

Toda a penitência procura, hoje, corresponder às exigências dos homens do nosso tempo.

Jejua-se para se poder fazer partilhar dos bens da alimentação com quem os não tem. E isto surge como uma implicação íntima da fé.

Esta semana de cinzas e em particular o dia a que nos referimos, 4.ª-feira, deve ser tomado como uma ocasião do pastor delinear o alcance cristão do jejum.

Para um avançar remetemos a reflexão inicial para o sentido bíblico do jejum delimitado na alínea 3.

Fundamentalmente o jejum na Bíblia aparece, como já foi dito, como um acto essencialmente religioso e não tanto como uma prática ascética. Aparece, e isso claramente, nas «quaresmas» de Moisés e de Elias no deserto, como um elemento integrante da preparação para o encontro com o Deus Vivo.

Surge como expressão da dependência ou do abandono total a Deus, de modo a resultar um acolhimento mais eficaz da acção de Yahweh.

É comum nos profetas a afirmação de que a utilidade do jejum está a favorecer o estabelecimento de relações mais pessoais com Deus e com os irmãos.

É um elemento integrante, com a oração e a esmola, capaz de orientar para uma aquisição da «justiça», a única coisa agradável a Yahweh.

Em Cristo não aparece tão definido o ensinamento sobre o jejum. O seu, integra mais um elemento — o elemento que poderíamos dizer escatológico — e aprofunda extraordinàriamente o ensino profético (Mt. 6/17-18). Esse primeiro elemento parece-nos básico e fundamental, pois refere-nos imediatamente a nova visão que o cristianismo possui sobre a realidade do tempo.

Cristo jejua, tal como o fizeram Moisés e Elias, antes de começar o seu ministério público; ao mesmo tempo, ao longo deste define a extraordinária liberdade em relação ao jejum.

O jejum de Cristo aparece nìtidamente como o resumo da longa preparação da humanidade para a Vinda do Messias e para a instauração do Reino.

Quando começa o ministério público, o Baptista (Mc. 2/19-20) afirma a novidade do ensino de Cristo. «Está entre vós quem vós não conheceis».

O Reino já está instaurado. O Esposo chegou, e não convém que os amigos do Esposo jejuem enquanto Ele está com eles.

Chegámos à plenitude do tempo e aqui o jejum deixou de ter sentido, a não ser na medida em que integra a dimensão de preparação e da construção da vida cristã.

Foi neste sentido que a Igreja sempre o aceitou como prática penitencial: por um lado, é a caridade que impulsiona e que dá um sentido cristão ao jejum; por outro, só possui sentido na medida em que a Igreja se situa em tempo de peregrinação, em tempo de provação, e de maneira nenhuma na sua realidade escatológica de Jerusalém Celeste.

Dois textos do primeiro milenário dão-nos a reflexão cristã extremamente nítida sobre este assunto. São eles um texto do pastor de Hermas e outro do Papa São Leão. Ei-los:

Do Pastor de Hermas: «Eis como praticarás o jejum... no dia do teu jejum só comerás pão e água, depois calcularás a despesa que farias com a tua alimentação e darás o montante que poupaste a uma viúva, a um órfão ou a um pobre. Privas-te para que outro aproveite da tua privação e para que ele, satisfeita a sua indigência, reze por ti ao Senhor.»

S. Leão: «Prescrevemos este jejum — referindo-se ao tempo das Têmporas de Setembro — lembrando-vos a necessidade não só da abstinência, mas também da necessidade das obras de misericórdia, de modo que economizando possais transformar a vossa economia em alimento para os pobres».

É isto o jejum. Aparece totalmente ordenado ao exercício da caridade.

Quando se torna um obstáculo ao exercício efectivo do Amor de Deus em nós, deve ser banido.

Possui um valor ascético; mas como o inimigo que é preciso vencer é o orgulho, o jejum torna-se válido na medida em que permite uma maior intensidade de atenção aos irmãos.

Esta visão contemporâneamente apareceu-nos bastante limitada nos nossos manuais de Teologia Moral.

O que nos importa é conseguir localizar hoje, desprezando uma mentalidade não escriturística, o jejum e a sua relação íntima com a prática mais intensa da caridade vertical e horizontal.

Privar-se no tempo quaresmal é orientar o resultado da pri-

vação, a economia realizada, para os pobres. Esta revalorização dos nossos dias está dentro da grande tradição cristã sobre o jejum.

A perspectiva escatológica não é posta de parte de modo algum, mas é centrada na totalidade do mistério cristão.

A Igreja, o que constrói, já possui. Disso é sinal a Eucaristia, momento em que se realiza a posse, a esperança cumprida. Lembramos a prática da Igreja primitiva de ligar o jejum com a abstenção de celebração eucarística matinal, e também o nunca ter a Igreja permitido o jejuar ao domingo, dia por excelência da Ceia do Senhor, dia da Ressurreição.

Concluímos com uma nota pastoral que nos parece importante. Alguns cristãos desejariam que o jejum da Igreja fosse mesmo um espectáculo, como o é na sua expressão o jejum dos muçulmanos — o Ramadan. Tenha-se em conta as reacções à reforma penitencial nos diversos países.

Jesus recomenda a este respeito a máxima discreção. É mesmo formal em relação à esmola: «que a tua mão esquerda ignore o que faz a tua mão direita» (Mt. 6/3-4).

Exige-se hoje que o jejum seja considerado um elemento integrante e, portanto, apenas como expressão limitada da exigência da caridade colectiva, ou individual.

O problema da fome no mundo, a que a orientação da prática quaresmal dos nossos dias parece querer responder, exige uma transformação das estruturas económicas e uma cooperação franca nas relações entre países ricos e pobres.

Não se resolverá pela esmola. Portanto, não se valorize demasiado aquilo que parece tão limitado.

Parece fundamental, e isto para concluir a nossa reflexão, responsabilizar os cristãos na construção desta obra gigantesca como concretização primordial da caridade de Cristo.

admonições

1. imposição das cinzas

introdução

Somos uma assembleia de penitentes ao encontro de Cristo no seu mistério de morte e ressurreição.
Apesar de pecadores, o Senhor chama-nos a uma vida de comunhão com Ele e com todos os homens.

Mais do que um conjunto de privações, o nosso jejum quaresmal será um enriquecimento na fé, um progresso na caridade e um aperfeiçoamento constante do nosso espírito de oração.

Neste encontro com o Senhor, ponhamos toda a nossa confiança na sua misericórdia e abandonemo-nos totalmente no seu amor.

antes da bênção das cinzas

Para que o Senhor nos perdoe os nossos pecados, nos converta ao seu amor e nos dê a Vida, em silêncio oremos.

antes da imposição das cinzas

Aproximemo-nos para receber as cinzas.
Reconheçamos pùblicamente a nossa condição de pecadores.
Caminhemos na fé para o Deus de Amor.

antes da oração final

Para que na luta contra o mal
Deus seja a nossa força, em silêncio oremos.

2. liturgia da Palavra

O nosso jejum anuncia o reino do Senhor que vem;
reino de liberdade, de justiça, de amor e de paz.

Somos um povo de penitentes que espera o perdão e a misericórdia do nosso Deus.

Escutemos a Palavra do Senhor que nos convida a caminharmos na alegria, para a libertação da Páscoa.

oração dos fiéis

Pela Igreja de Deus, para que a sua conversão seja sinal de mais fidelidade a Cristo Ressuscitado, oremos ao Senhor.

Pelos que estão em preparação para serem baptizados na Vigília Pascal, para que a nossa conversão seja para eles sinal de amor, de fé e de esperança, oremos ao Senhor.

Pelos cristãos perseguidos por amor da justiça, pelos pobres e pelos doentes, para que a nossa penitência os fortaleça na alegria e na paz.

3. liturgia eucarística

introdução

A prticipação nesta eucaristia há-de ser para nós
um sinal de purificação interior;
um encontro com Deus no conhecimento e no amor;
um levar a todos os homens a confiança na misericórdia do Senhor.

oração (depois da comunhão)

Para que esta comunhão nos ajude a viver a nossa Quaresma, em silêncio oremos.

despedida

Irmãos, vamos viver este tempo quaresmal na conversão a Deus.

E na certeza de que o auxílio divino nunca nos faltará,
ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

primeiro domingo da quaresma

as leituras de hoje (2co. 6,1-10; mt. 4,1-11)

São Paulo dá testemunho, na primeira leitura, da sua dedicação de Apóstolo à obra de reconciliação dos homens com Deus. Esta obra depende em parte do ministério apostólico; em parte depende da nossa aceitação da graça de Deus no dia de hoje: o dia da salvação.

Na segunda leitura, São Mateus põe-nos diante das tentações de Jesus. Ele não pretende narrar-nos apenas um episódio da vida do Mestre, mas quer dizer-nos o significado e o alcance destas tentações. O confronto do texto de Mateus com o Antigo Testamento revela-nos esse significado.

As respostas de Jesus ao demónio são três citações do livro do Deuteronómio. Este livro pretende ser uma meditação retrospectiva sobre o significado dos acontecimentos do Êxodo e estadia do povo israelita no deserto. As frases de Jesus resumem três grandes lições que o autor (ou autores) deuteronomista tirara da estadia do povo no deserto.

Primeira resposta: «Nem só do pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Deut. 8,3). O texto de onde esta frase é arrancada interpreta as intenções de Deus ao ter levado o povo para o deserto: para o humilhar e o provar, para conhecer os seus sentimentos, dar-lhe fome, para lhe ensinar que o homem não se alimenta só de pão, mas sobretudo da palavra de Iavé (ler Deut. 8,1-3).

Segunda resposta: «Não tentarás o Senhor teu Deus» (Deut. 6,16). O texto continua: «...como o tentaste em Massab». Neste lugar o povo exigira a Iawé um sinal extraordinário, pois duvidava da sua presença e protecção. «O Senhor está ou não no meio de nós?» (Êxodo 17,7). O autor deuteromista

tira a lição da história: «não tentarás o Senhor teu Deus», isto é, não duvidarás da presença do Senhor se não vires sinais extraordinários.

Terceira resposta: «Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás» (Deut. 6,13) e continua: «não seguirás outros deuses entre os das nações que te cercam» (3,14). O povo sofrera a tentação de seguir outros deuses. A história do Êxodo está cheia das quedas de Israel na idolatria, às quais se seguiam os castigos de Iawé. O povo é levado, a partir da lição da história, a tomar consciência do seu monoteísmo, da sua Aliança com o único Deus: Iawé.

Jesus recapitula em si a história de Israel, quer dizer-nos São Mateus. Jesus é posto nas mesmas situações de tentação do povo. O deserto é o lugar de todas as tentações. Jesus, como outrora o povo israelita, é posto diante da tentação do materialismo, da desconfiança no Pai, do ateísmo. Mas Jesus vence onde Israel caíra: é a conclusão da leitura atenta do texto de Mateus. Onde o povo se preocupara mais com o alimento do que com a palavra de Deus, Jesus alimenta-se substancialmente da palavra de Deus — é ele a palavra de Deus incarnada; onde o povo desconfiara e perdera a esperança em Deus, Jesus mostra-se fiel, filho bem amado de seu Pai; onde o povo abandonara Iawé para servir os ídolos (na mentalidade judaica equivalia a adorar o demónio) Jesus mostra-se verdadeiro adorador do Pai.

A cena final dos anjos é reveladora: o salmo 90, que o demónio citara, canta a protecção que Deus oferece ao justo. Jesus Cristo é o Justo por excelência.

Os anjos servem-no, não num ambiente espectacular, como queria o demónio, mas num clima de fidelidade e verdade.

Cristo revelado no Baptismo o servo de Iawé que vem anunciar a Boa-Nova (Mat. 3), revela-se nas tentações o servo fiel que vem enfrentar o demónio e a morte para resgatar o povo.

as tentações dos cristãos hoje

A tentação do materialismo: Cristo foi tentado a usar o seu poder divino para seu próprio interesse. A Igreja pode ser levada hoje a esquecer que a sua missão é a do serviço. Ela não existe para se mostrar, para se impôr. Ela tem que fazer crescer Cristo mais do que ela mesma. As obras de assistência por ela promovidas, a sua preocupação pela paz, pela justiça, pela promoção social são um serviço, não um meio de chamar a atenção para si mesma. Ao serviço do mundo não se conforma com o mundo. Ela vive da palavra de Deus com a qual interpela o mundo. Ela promove a justiça, a paz, a igualdade. Mas não se conforma nem se configura com nenhum estado de justiça, de paz ou de igualdade. Vive da palavra de Deus.

A tentação da desconfiança no Pai: Cristo foi tentado a colocar a sua esperança no prestígio pessoal adquirido espectacularmente. A eficácia da sua missão seria aparentemente maior. Não serão os cristãos de hoje assaltados por igual tentação? Não terão os cristãos a tentação de fazer da sua Igreja uma organização poderosa, cujo prestígio a imponha socialmente? É a tentação do triunfalismo, do clericalismo. Confiar que a eficácia do seu apostolado se encontra mais na aceitação que encontra da parte do mundo, do que na presença de Deus no mundo através dela.

A tentação do ateísmo: o homem procura para si a felicidade e por isso rejeita o inseguro, apoiando-se naquilo que tem sob o seu domínio, naquilo em que se sente deus. É-lhe mais seguro procurar a felicidade, por pequena que seja, naquilo que está ao seu alcance, do que esperá-la da iniciativa de Deus. Daí que o homem desde a antiguidade tenha criado para si deuses à imagem das suas aspirações, esquecendo a revelação natural do Deus único. Hoje, com o maior domínio do homem sobre a natureza, ele esquece que esta o precede; ele domina-a, humaniza-a, sente-se seu deus; e é levado a crer que o Deus único morreu. A tentação própria do homem moderno é o ateísmo.

Por vezes são os próprios cristãos causa de ateísmo. O seu abstencionismo, a sua fé desincarnada, a sua caridade sem dimensões na história desilude os homens que, preocupados com a construção da cidade terrestre, não encontram no Cris-

tianismo que os rodeia uma preocupação de serviço dessa cidade. Esse Cristianismo não lhes desperta qualquer sentido de Deus: é natural que então o acusem de ser ópio e alienação.

palavra, rito e missão

A Igreja entra em quaresma. Prepara-se para realizar na história o Mistério Pascal. A celebração litúrgica será a fonte e o vértice dessa realização.

No início deste tempo de preparação a Igreja é posta diante das tentações de Cristo, que são as suas, que são as tentações de todos os homens na sua longa história, história de salvação ou condenação. Cristo insere na história a vitória sobre as tentações e confia a um povo essa vitória para ser sacramento dela para o mundo. A Igreja participa da vitória de Cristo; ainda que peque e caia, ela possui uma vitória definitiva e irreversível. Ela tem a missão de fazer todos os homens participantes dessa vitória. Como realiza ela esta missão?

Os cristãos, que vivem no mundo comungantes com todos os homens da mesma fragilidade e do mesmo pecado, reunem-se. Eles escutam a palavra de Deus, a sua mensagem de vitória sobre as tentações. Eles aceitam esta palavra: ela é o próprio Cristo vitorioso; escutando e recebendo a palavra que Deus hoje proclama na liturgia, os cristãos escutam e aceitam hoje o mistério de Cristo que se fez homem para falar aos homens. Eles reconhecem-se pecadores, confiam no Pai; aceitam até ao fim o mistério de Cristo que a palavra proclamada lhes revelou e os fez nele participantes. Por isso repetem o gesto eucarístico pelo qual sabem que participam no Sacrifício da cruz e na Ressurreição do Senhor. Eles, celebrando e actualizando a vitória que Cristo lhes traz, dão graças por essa mesma vitória.

Acabada a reunião eles são enviados de novo para o mundo em que vivem; mas sabem-se participantes do mistério de Cristo; sabem que são palavra de Deus que se fez carne neles: configuram-se com Cristo. Por isso proclamam na sua palavra e na sua vida a vitória de Cristo. Eles são os primeiros a responder a essa palavra que proclamam: vivem da vitória de Cristo.

Esta continua a realizar-se na história através da Igreja: povo, como Cristo seu chefe palavra de Deus incarnada na história, povo que proclama e vive a vitória de Cristo, convidando todos os homens a terem nela participação.

JOÃO LOBATO

admonições

1. rito de entrada

introdução

A Páscoa é o momento por excelência em que Cristo nos dá a sua Graça.

A Quaresma é a preparação da Páscoa e o princípio do Mistério Pascal.

Durante quarenta dias caminharemos na penitência e na oração para a redenção do nosso Salvador. É um tempo de escolha, em que a Providência guia, protege e favorece com a sua Graça a nossa marcha para o céu.

As tentações são os obstáculos nesse itinerário espiritual.
Mas elas são permitidas por Deus para a nossa santificação,
como no-lo mostra Jesus.

Como outrora os judeus caminharam pelo deserto para a terra da Promissão, caminhemos para Cristo nesta Quaresma,

cântico

salmo 90
sugerimos o cântico publicado em «Cânticos Quaresmais», do P. Manuel Luís, pgs. 18-19. 1.º refrão

oração

Para viver a Quaresma com autenticidade, peçamos a Deus um espírito de fé viva, que se traduza em boas obras.

2. liturgia da palavra

introdução

Toda a nossa vida, e cada Quaresma em particular,
é tempo de graça.
Tudo nos foi dado por Deus.

As tentações são uma prova, em ordem a um aumento e revigoramento da fé.

É o que nos ensina Jesus nas suas tentações.
Combatidas a tempo não são pecado;
vencidas com amor e com a Palavra de Deus,
tornam-se dons de Deus.

cântico de meditação

salmo 90
sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor Um Cântico Novo», do P. Manuel Janeiro, pg. 42-43, 3.º refrão.

para a oração dos fiéis

1. Pela santa Igreja de Deus,
para que os seus membros não sucumbam na tentação.

2. Por este tempo santo,
para que nele aprendamos a viver mais da Palavra de Deus
do que da comida da Terra.

3. liturgia eucarística

introdução

Decididos a fazer penitência,
irmãos, demos graças ao nosso Deus.

cântico (ofertório)

salmo 90
como cântico de entrada, mas 2.º refrão

cântico (comunhão)

como o do ofertório

introdução ao rito da comunhão

O homem não vive só do pão. Mas o Pão que Eu vos dou é a minha carne para vida do mundo.

oração

Para que nesta comunhão o Senhor nos fortaleça, de modo a superarmos as tentações, oremos em silêncio.

despedida

**Irmãos, cheios de paz e da força do Senhor,
para vencer as tentações e pôr Cristo na vossa vida,
ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.**

segundo domingo da quaresma

as leituras de hoje (I tes. 4/1-7; mt. 17/1-9)

O evangelho de hoje narra-nos um episódio muito significativo da vida do Senhor, difícil de o entendermos até ao fim, pois nos aparece descrito num estilo próprio de narrar as teofanias do Antigo Testamento, estilo cujas imagens e categorias são pouco próximas da nossa mentalidade.

O livro de Daniel (10,5-10) narra-nos uma cena idêntica à da transfiguração de Cristo. Daniel vê um personagem com rosto resplandecente e vestido de branco; a visão faz desfalecer Daniel que é despertado por alguém que lhe toca. Esse personagem misterioso anuncia-lhe uma salvação.

Por outro lado a presença de Moisés e a voz da núvem evocam a teofania do Sinai.

Que concluir para já destas aproximações?

Da primeira concluimos que o episódio narrado deste modo por

Mateus pretende ver em Cristo o Salvador anunciado a Daniel. Da segunda, que Cristo é revelado como o novo Moisés.

Confirma esta exigese a voz da núvem que evoca três oráculos, três profecias célebres sobre o Messias: «Vou publicar o decreto do Senhor: Disse-me o Senhor: «*Tu és meu filho,* eu hoje te gerei» (Salmo 2,7). «Eis o meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual *dou toda a minha afeição*» (Isaías 42,1). «O Senhor, teu Deus, te suscitará de entre os teus irmãos um Profeta como eu: *é a ele que devereis ouvir*» (Deuteronómio 18,15).

Que nos fornecem todos estes dados?

Jesus Cristo é o Messias (confessado como tal por Pedro em Cesareia — Mt. 16, 16) que há-de morrer e ressuscitar (como ele próprio anunciara — Mt. 16, 21-22). A sua missão é a do servo de Iawé vindo para anunciar a Boa-nova (significado da voz da núvem): é ele o profeta que Moisés anunciara. É ele que investe a Igreja dos poderes messiânicos, sobretudo proféticos em Mt. 18. O acontecimento como teofania tem ainda o alcance de significar que Deus está presente: o profeta Zacarias (no cap. 14) vê os tempos do Messias como um tempo de presença de Deus no mundo, um tempo permanente de teofania. O pedido final de Cristo mostra claramente que a Transfiguração fora para Pedro, Tiago e João — os mesmos discípulos testemunhas da Paixão — uma revelação antecipada: na Ressurreição, Cristo seria finalmente o Messias glorioso.

Na epístola, S. Paulo lembra-nos que o cristão «em santidade» participa do estado glorioso de Cristo; dimensão concreta desta participação é o respeito pelo corpo.

a igreja, povo profeta da lei de cristo

Os homens de hoje constroem a cidade terrestre, transformam o mundo num «mundo-para-nós», edificam a unidade humana do cosmos, organizam uma família entre todos os homens. Perguntamos: que estatuto, que lei vão eles escolher ou fabricar para governar este mundo novo e melhor que eles preparam? Eles não quererão mais uma lei que escravize, mas uma lei que liberte, que torne os homens irmãos no seio da grande família

humana, uma lei que estabeleça a paz, a justiça, a igualdade, a fraternidade.

Será a lei dos cristãos susceptível de fornecer ao mundo futuro esse estatuto de vida?

A Igreja proclama hoje Jesus Cristo Profeta, novo Moisés, chefe e legislador do povo novo. Qual a lei de Cristo? Que testemunho dão os cristãos dessa lei?

Como profeta, Cristo pela sua palvra constitui um povo na escuta dessa palavra e na resposta a dar-lhe. Tal como o povo da antiga Aliança, reunido pela palavra de Deus dita a Abraão e depois a Moisés, respondia a Deus pela fidelidade à lei de Moisés, assim o povo da nova Aliança é congregado pela palavra de Deus em Cristo e responde com a fidelidade à lei de Cristo. Diferentemente de Moisés, Cristo é Ele próprio palavra de Deus e é Ele próprio a fonte de toda a fidelidade. O povo judeu esquecera a palavra de Deus e fora infiel. Cristo, Homem-Novo, alimenta-se substancialmente da palavra de Deus e é o servo fiel, obediente até à morte. Em Cristo, na sua humanidade, realiza-se a salvação pois sobre Ele repousa o Espírito de Deus. Todos a quem Ele comunicar esse Espírito serão salvos, pois receberão a palavra e a vida de Deus e serão à imagem de Cristo filhos de Deus: o Espírito neles clama «Pai».

A nova Aliança é um tempo de presença de Deus entre os homens, reunidos em um povo santo, em comunhão de palavra e de vida com o Pai, em Cristo e pelo Espírito.

Este povo tem também uma Lei — já não a Lei mosaica, mas a Lei de Cristo que a completou e a aperfeiçoou, pois Cristo a cumpriu na perfeição, naquilo que era o seu espírito e seu objectivo: levar os homens à justiça e à fidelidade. Jesus Cristo foi o Justo e o Fiel na perfeição. O Espírito de Cristo, que é o Espírito do próprio Deus, infundido em nós no Baptismo e na celebração eucarística faz-nos participantes da justiça e da fidelidade de Cristo. Com ele nós obedecemos à Lei a que ele obedeceu, não já a uma lei escrita na pedra, a qual, devido à fraqueza dos homens, os escravizava, mas à Lei gravada nos corações pelo Espírito. Este Espírito que levou Cristo a obedecer à Lei em perfeição está em nós e é para nós força para nos levar à fidelidade, vencendo a fraqueza do nosso pecado. É Lei de liberdade pois a cumprimos não porque nos seja imposta,

mas porque está dentro de nós: obedecer a Cristo significa sermos fiéis a nós mesmos, fiéis à nossa condição de filhos de Deus, à nossa condição de irmãos de todos os homens.

Que testemunho dão os cristãos de hoje da Lei de Cristo? Mostram-se os cristãos libertos na sua vida? A sua vida religiosa aparece aos outros homens como um ritualismo ou uma prática de preceitos impostos? Os cristãos quando saiem das reuniões litúrgicas sabem encontrar-se como irmãos ou correm para casa felizes porque já cumpriram o «preceito»: Que testemunho dão os cristãos de serem filhos de Deus, libertos pelo Espírito que lhes foi dado, na família, no emprego, nos grupos de amizade: Que testemunho dá a Igreja da pobreza, do celibato, da obediência e autoridade: testemunho de libertação ou de imposição?

Os homens esperam encontrar uma lei de liberdade, de verdade de fraternidade para a cidade terrestre. Nós sabemos que a Lei de Cristo é a única, capaz de dar a verdade, a liberdade, o amor, pois àqueles a quem é dada, o Espírito os vivifica pela palavra e pela vida de Deus. Não pretendemos, evidentemente, que o mundo adopte a Lei de Cristo como sua Lei universal: a Lei de Cristo é Espírito e não letra e não se conforma com nenhuma letra. É certo que toda a humanidade caminha ao encontro de Cristo, da sua Lei, que todas as suas leis feitas na verdade e na justiça são manifestações da Lei de Cristo. Mas esta Lei nasce do encontro dos homens com Deus, na comunhão íntima de palavra e vida, em Cristo, pelo Espírito. Ela é gravada por Ele no coração do homem: ela é a vida, é Espírito, não letra.

palavra rito e missão

A lei da nova humanidade estará mais próxima e mais inspirada na Lei de Cristo? Conseguirá a humanidade do futuro ver na lei dos cristãos a Lei de Cristo? Depende do testemunho que os cristãos derem da sua preocupação pela pureza da Lei de Cristo, lei de liberdade, de justiça, de fraternidade, que os homens leiam essa Lei, não na sua letra, mas na sua vivência concreta da parte dos cristãos, revelando a presença e a acção do Espírito. O novo mundo estará mais próximo do ponto omega, que é Cristo, se os homens que são cristãos forem os

homens da vanguarda na construção desse mundo, não para buscar a sua glória, mas para servir em Cristo.

Na celebração eucarística eles começam a construir esse mundo novo, começam a ser os seus primeiros operários.

A eucaristia lança os cristãos na missão: participantes do Mistério de Cristo participam da sua missão no mundo como Homem Novo, como pedra angular do edifício do mundo novo, um mundo melhor.

JOÃO LOBATO

admonições

1. Rito de entrada

introdução

Novamente nos encontramos reunidos na nossa igreja para celebrarmos a Ceia do Senhor.

O domingo de hoje apresenta-nos o Senhor transfigurado diante dos três discípulos. A Sua Transfiguração é um sinal antecipado da Sua ressurreição e uma prova de que Ele é o Filho de Deus.

Também para nós hoje, a transfiguração do Senhor é motivo par firmarmos a nossa fé: Cristo continua a viver na Igreja, mas de uma maneira escondida: é através de palavras, de sinais e de actos simbólicos, que realiza em favor dos homens os milagres do Seu Poder e da Sua Graça.

Na fraqueza da nossa condição de pecadores e na humildade da nossa penitência, imploremos o auxílio libertador de Deus.

cântico

Salmo 24
sugerimos o cântico publicado em Cânticos Quaresmais do P. Manuel Luís, págs. 8-9.

oração

Peçamos a Deus o Seu auxílio para as nossas fraquezas.

2. Liturgia da Palavra

introdução

A vontade de Deus é que sejamos santos.
A santidade querida por Deus não é uma acumulação de boas acções mas o crescimento em nós da vida de Deus, com a respectiva manifestação.
É este o ensinamento de S. Paulo na epístola que vamos escutar.

para a oração dos fiéis

por todos nós aqui reunidos
para que a participação no sacrifício de Cristo
seja para nós penhor da nossa glória futura

pelo crescimento da caridade em nós
para que o amor pelos irmãos transfigure as nossas vidas.

3. Liturgia Eucarística

introdução

Pela glória que Deus Pai deu a Seu Filho e Nosso
Senhor Jesus Cristo, irmãos, LOUVEMOS O DEUS SANTO.

cântico (ofertório)

salmo 118
sugerimos o cântico da ficha S 118

oração (depois da comunhão)

Peçamos a Deus que a Eucaristia de hoje
transforme a nossa vida de modo a ser agradável a Deus.

despedida

Com a Palavra de Deus
e o Corpo do Senhor,
Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

terceiro domingo da quaresma

as leituras de hoje (ef. 5,1-9; luc. 11,14-28)

S. Paulo, na primeira leitura, contempla a dimensão universal, cósmica do Mistério de Cristo, mistério que se prolonga na Igreja: a renovação do universo feita por Cristo e em Cristo, a Páscoa cósmica.

S. Lucas, no evangelho, mostra este Mistério em Cristo revelado num episódio: Cristo expulsa o demónio. Para lá do episódico que há na narração, Lucas quer dar-nos qualquer coisa de mais profundo. Subjacente ao texto está a teoria judaica dos dois espíritos: o espírito do mal domina a humanidade e o universo até que, em tempos novos, que serão os últimos, o espírito do bem fará a sua aparição e, vencendo o espírito do mal, orientará definitivamente o homem para o que é bom. S. Lucas não refere explicitamente esta teoria, pois escreve para cristãos não judeus. Mas ela está na base da narração: o espírito de Belzebu evocado pela multidão, o espírito «forte» vencido pelo «mais forte», segundo diz Jesus, a cura do mudo pela palavra de Deus (a mudez era símbolo da ausência da palavra de Deus e da presença do poder demoníaco) e a felicidade prometida por Jesus aos que escutam a palavra de Deus — tudo mostra claramente a intenção do evangelista de nos dizer que em Cristo o espírito do bem fez a sua aparição, a mudez da ausência da palavra de Deus foi vencida, que Cristo é essa palavra vencedora. O milagre antecipa essa vitória que será consumada na cruz e na ressurreição: é esse o sinal que será dado (o v. 29 deve também ser lido) ao povo que pedira a Jesus uma prova que confirmasse ser ele o espírito do bem.

o pecado no mundo de hoje

Em S. Lucas o domínio do demónio é símbolizado no mutismo: ele é vencido pela Palavra.

«Eis que vêm os dias — oráculo do Senhor Iavé — em que enviarei fome e sede sobre a terra, não uma fome de pão nem uma sede de água, mas fome e sede de ouvir a palavra de Deus. Andarão errantes, correrão por toda a parte buscando a palavra do Senhor e «não a encontrarão» (Amos 8,11 s.).

Cristo, palavra de Deus feita homem entre os homens, vence o demónio. É o «mais forte» que vence aquele que é «forte» e domina a humanidade.

A existência do pecado não contradiz a vitória de Cristo que só será plena quando o último dos justos fôr salvo. Mas essa existência é um facto. O pecado, o mal nas suas mais diversas formas (ódio, guerra, fome, divisão dos cristãos e da humanidade, impureza, injustiça, etc...) é uma dura experiência quotidiana.

Qual a raíz do pecado no mundo de hoje? A raíz do pecado dos homens do século XX é a mesma dos primeiros homens: a divisão. Adão dessolidariza-se de Eva, lançando sobre ela a culpabilidade do seu pecado, ele que, quando a viu, exultou de alegria por ter uma companheira; a torre de Babel ficou sendo o símbolo da divisão após o pecado.

A missão de Cristo de luta contra o pecado consiste em reunir num só corpo os filhos de Deus dispersos. Nele a palavra de Deus, entendida no Espírito por todos os que a aceitam, dá origem a um fenómeno contrário ao da torre de Babel: a unidade e a fidelidade.

Os cristãos acreditam que a vitória de Cristo tem uma dimensão histórica, que ela atinge a humanidade toda, como os atinge a eles. Daí a visão da Igreja sobre o mundo actual ser optimista (a «Gaudium et spes», constituição pastoral do Concílio, é um documento optimista). Mas a visão da Igreja sobre o mundo é também realista: o pecado continua a dominar o mundo e a vitória de Cristo não foi ainda consumada. São

os cristãos que têm esta missão: consumar a vitória de Cristo na história.

A divisão é fruto do pecado. A missão de Cristo é a de reunir. A missão dos cristãos é a de fazer toda a humanidade participante desta unidade: construí-la em Cristo no Espírito Santo. Como construimos nós esta unidade?

Nós comungamos da humanidade no pecado; a nossa condição é a de pecadores.

Todos nós estivemos sob o poder do demónio, antes de termos sido feitos participantes no Baptismo da vitória de Cristo; trazemos em nós a marca dessa posse. Todos nós, mesmo os santos, os chefes da Igreja, os padres, os religiosos estamos ainda sob a sua influência; após o nosso Baptismo e as nossas confissões, não vieram outros sete demónios piores do que o primeiro?

Nós somos solidários com todos os homens no pecado.

palavra, rito e missão

Mas temos esperança na palavra de Jesus Cristo: reunimo-nos para a escutarmos e deixarmos que ela nos faça participantes da sua vitória. Por isso, depois de termos escutado a sua palavra, participamos no seu sacrifício e na sua ressurreição fazendo a refeição eucarística. A liturgia tem a finalidade de nos dar *hoje* e *aqui* a vitória de Cristo que ultrapassa a história e é, por isso, capaz de se fazer presente em todos os tempos e em todos os lugares. A liturgia não é apenas recordação: é sobretudo participação pela palavra e pelo rito sacramental no mistério de Cristo (Incarnação e Sacrifício — Ressurreição).

Porque os cristãos são solitários com a humanidade no pecado e participam do Mistério de Cristo são, uma vez salvos, um povo profeta e sacerdotal: na sua vida proclama a palavra de Deus que reúne que vence o pecado e celebra o rito pascal, o da vitória de Cristo.

O testemunho cristão nasce na reunião litúrgica, na Eucaristia; é lá que eles se constituem em povo profeta e sacerdotal, na participação no Mistério de Cristo.

É lá que eles começam a construir a unidade dos irmãos com o Pai em Cristo.

É na sua vida concreta que eles vão prolongar esta unidade: chamar todos os homens à unidade com Deus e com os irmãos. Eles anunciam na sua vida a vitória sobre o pecado. São profetas e sacerdotes da salvação entre os pecadores. Mas não o fazem num espírito farisaico ou triunfalista. Eles têm a consciência de que continuam a ser pecadores. Esta consciência impede-os de desligarem o seu testemunho da palavra e acção de Cristo e leva-os a assumir todas as consequências dos pecados dos outros para que no âmago, no núcleo do próprio pecado o vençam e construam sòlidamente a unidade. Os cristãos não constroem a unidade «em paralelo» com o pecado. Eles não salvam o mundo construindo um outro mundo à margem. Eles são o prolongamento da encarnação de Cristo: são a presença da sua vitória onde encontram o pecado. Eles são-no, como e com Cristo, no sofrimento, na cruz, na obediência.

A ressurreição será o fruto maduro deste encontro com o pecado, em Cristo.

JOÃO LOBATO

admonições

1. Rito da entrada

introdução

Diàriamente sofremos a experiência, em nós próprios, duma luta — a luta entre o bem e o mal.

Conhecemos o bem e desejamo-lo.
Apesar disso é a inclinação para o mal que vence.
É o mal entre nós e é o mal no mundo.

Estamos no Reino do Amor de Deus ou no reino do mal?

Irmãos
aproxima-se o tempo em que o príncipe deste mundo
vai ser julgado e lançado fora.

Esta nossa assembleia
é já o sinal da vitória definitiva sobre o mal
conseguida pela ressurreição de Cristo.

Nós somos já os verdadeiros Filhos da luz.

cântico

salmo 24
sugerimos o cântico publicado em Cânticos Quaresmais
do P. Manuel Luís, pgs. 8-9, 1.º refrão.
oração

Para que Deus vença em nós o mal com a força do seu amor.

introdução

2. Liturgia da Palavra

Irmãos
caminhamos para a libertação da Páscoa.

Ao dar-nos a Sua Palavra
o Senhor vai construindo em nós o Seu Reino de luz e de amor.

Estejamos atentos
para que Cristo — o homem novo — da Ressurreição
comece a viver em nós.

cântico de meditação

salmo 9
salmo 122
sugerimos o cântico publicado em Cantai ao Senhor
um Cântico Novo, do P. M. Janeiro, pgs. 60-61, 1.º refrão.

para a oração dos fiéis

Pelo nosso esforço nesta Quaresma
para que a graça de Deus nos ampare
no combate contra o egoísmo e o orgulho.

Pela assembleia que formamos
para que a Eucaristia nos dê forças
para sermos verdadeiras testemunhas do Senhor.

introdução

Pela Sua morte e Ressurreição, Jesus Cristo
venceu o espírito do mal.
Abriu-nos o caminho do bem, da obediência a Deus,
da justiça e do Amor aos homens.

Irmãos, demos graças ao Pai, unidos a Cristo
na Sua vitória.

cântico (comunhão)

salmo 83
sugerimos os cânticos publicados em «Eucaristia», pg. 12
e «Cantai ao Senhor um Cântico Novo», pág. 14-15.

oração (depois da comunhão)

Para que o Senhor nos liberte de todo o mal
em silêncio, oremos.

despedida

A Palavra de Deus e o Sacramento do Seu Amor
liberta-nos do ódio, do egoísmo, da impureza,
e da injustiça.

Irmãos, proclamemos diàriamente
com a nossa bondade, com a justiça, com a verdade
que passámos das trevas à luz.
Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

quarto domingo da quaresma

as leituras de hoje (gal. 4,23-31; jo. 6,1-15)

São Paulo pretende responder à acusação que os judeus faziam aos cristãos de estes não observarem integralmente a Lei de Moisés (especialmente a circunscrição) pois esta era perpétua e irrevogável. São Paulo não rejeita a Lei de Moisés, mas considera-a imperfeita e incompleta e afirma que uma nova Lei foi dada por Deus através de Cristo, esta perfeita e eterna. No texto litúrgico de hoje S. Paulo faz contrastar a situação dos judeus diante da Lei mosaica com a situação dos cristãos diante da Lei de Cristo. Neste sentido, compõe duas trilogias que se opõem:

— Agar — Sinai — Jerusalém actual
— Sara — Sião — Jerusalém do alto

A primeira trilogia evoca a ideia da escravidão: Agar é a escrava de Abraão, o Sinai e a Jerusalém actual, que continua o Sinai, caracterizam-se pela escravidão do homem ao pecado a que a Lei de Moisés não consegue arrancá-lo.

A segunda trilogia evoca a ideia da liberdade: Sara é a esposa livre de Abraão, Sião, o lugar da Jerusalém actual, mas já transformado pelo Pentecostes; a Jerusalém do alto é comparada por Isaías a uma mulher que, depois da esterilidade, conhece a fecundidade, como Sara que na velhice gerou Isaac, por especial intervenção de Deus.

Os judeus vivem ainda sob a escravidão de uma lei que, incapazes de a cumprir, os leva ao pecado; os cristãos vivem já moralmente como na Jerusalém celeste, isto é, na liberdade, pois a Lei de Cristo é uma Lei interior.

Após ter sugerido a oposição entre a lei de Moisés e a Lei de Cristo, como uma oposição escravidão-liberdade, S. Paulo com-

para os cristãos com Isaac: como este, filho da mulher livre, foi perseguido por Ismael, filho da escrava, até este ser expulso da casa de Abraão, assim os cristãos, embora livres, são perseguidos pelos judeus.

Somos, pois, livres, gerados como cristãos por especial intervenção de Deus, como Isaac, filho de Abrão e de Sara, mulher livre. Como tal se impõe que vivamos — diz-nos S. Paulo no capítulo 5.º da carta.

São João apresenta de original na sua narração da multiplicação dos pães, em relação às narrações dos outros evangelistas, o seguinte:

— Diálogo de Jesus com os discípulos, introduzindo a ideia do pão que não é necessário comprar (ler Isaias 55, 1-55).

Este diálogo lembra ainda o de Moisés com Deus, descrito em Números 11, 21-23.

— É Jesus quem distribui o pão (v. 11).
— Segue-se ao milagre um entusiasmo messiânico (v. 14).

Apenas S. João fornece os seguintes promenores:

— Aproximava-se a Páscoa (v. 4).

— O pão era de cevada (v. 9). Tratava-se do pão pascal, sendo a Páscoa dos judeus a festa das primíras do pão de cevada. Concluimos desta análise que S. João tem a intenção de apresentar a multiplicação dos pães como uma refeição messiânica, objecto da esperança judaica: ler Is. 55, 1-3; 65, 13; Prov. 9, 1-10. O pão de cevada é o pão dos pobres, aos quais o Messias seria enviado para os saciar (ver João 6, 12); este pão é agora objecto do dom de Deus.

Por outro lado esta refeição para S. João constitui já a Eucarística: proximidade da Páscoa, o pão de cevada (pão pascal), a acção de graças pelo pão que lembra a «haggada» (acção de graças durante a refeição pascal, na qual o que presidia à família reunida lembrava as maravilhas que Deus operara em favor de seu povo, sobretudo a travessia do Mar Vermelho e a entrada na Palestina). Estes elementos orientam a interpretação do episódio da multiplicação dos pães para ver nele

um anúncio da Páscoa cristã e anúncio da acção de graças (eucaristia) cristã.

a eucaristia no mundo de hoje

A *Eucaristia cristã* é um rito de refeição no qual os homens reunidos e santificados pela palavra de Deus proclamada por Cristo na História, respondem a essa palavra participando da morte e ressurreição de Cristo numa atitude de acção de graças («eucaristia» significa acção de graças) por aquilo que Deus realiza pela sua palavra e pelo sacrifício e ressurreição de Cristo — a obra da salvação — em favor de toda a humanidade.

A atitude de acção de graças, de gratidão, de oferta da sua adesão é amizade ao autor de um dom extraordinário, é uma atitude religiosa, própria de todo o homem. É esta a atitude que constitui um autêntico culto. A eucaristia como rito de acção de graças não é uma realidade exclusiva dos cristãos. Esta atitude religosa têm-na todos os homens, dentro ou fóra de contextos ritualistas. É, por isso, legítimo interrogar: a quem dirigem os homens de hoje o seu culto eucarístico?

Os homens de hoje sentem-se a dominar a técnica e a ciência, sentem-se deuses no mundo que construiram. Talvez muitos deles achem ultrapassada e sem sentido uma atitude de acção de graças a um Deus transcendente. A sua «eucaristia» não se dirige para um «além»: ela é um louvor do Homem, dos valores humanos e terrestres. Dar graças ao Homem pelo progresso, sim; dirigir esse gesto para um ser transcendente, aparece descabido.

Dar graças pelo que há de novo, de melhor, de mais puro, de mais humano, de mais justo, de mais fraterno, a quem? Quem é o autor de tudo isso para que lho agradeçamos e o sirvamos? Qual a resposta cristã?

O Apóstolo S. João fala hoje aos cristãos reunidos em assembleia. Ao apresentar-lhes uma refeição que Jesus oferece em circunstâncias extraordinárias aos seus discípulos, o Apóstolo vê nesta refeição uma antecipação da refeição eucarística que

Cristo instituiria na sua última ceia pascal. Cristo dá graças ao Pai antes da refeição: é um anúncio do rito eucarístico cristão.

Na proximidade da Páscoa, os cristãos tomam consciência do que é para si a Eucaristia, pois será numa Eucaristia que eles celebrarão a Páscoa e será numa Eucaristia projectada na história e na vida que eles serão para o mundo sacramento da Páscoa de Cristo.

Como se processa hoje na reunião dos cristãos esta tomada de consciência e como serão eles sacramento da salvação para o mundo?

palavra rito e missão

Toda a proclamação da palavra de Deus leva aquele que a escuta e a recebe na fé a dar a essa palavra uma resposta no rito sacramental. Esta estrutura de diálogo encontra-se no próprio acontecimento da salvação que a proclamação da palavra e a celebração do sacramento actualizam: a Incarnação e a morte sacrificial e ressurreição.

A palavra de Deus incarnou em Cristo para ser proclamada aos homens de todos os tempos; o Homem-Deus (Jesus Cristo) responde ao Pai, à sua palavra, realizando na obediência a exigência dessa palavra: que o Filho morresse e ressuscitasse para a resgatar a muitos.

Hoje, não só a proclamação da palavra, mas o próprio conteúdo da palavra proclamada leva ao sacramento, concretamente o sacramento da Eucaristia, que, como todos os outros, mas de maneira mais directa, dá graças ao Pai pela palavra que Ele dirigiu aos homens e pelo dom de salvação que essa palavra — palavra viva e eficaz — realiza. Este rito sacramental de acção de graças faz-se em refeição — símbolo de alegria, de fecundidade (a refeição é em si uma reunião familiar), de unidade, características próprias do dom da salvação.

Esta refeição foi instituída por Cristo antes da sua morte, para continuar num ambietne e conteúdo cristãos a ceia pas-

cal, agora memorial da nova Páscoa. Mas como refeição de acção de graças este rito não é apenas evocador de um dom do passado que desperta gratidão. Porque esse dom é uma realidade sempre presente, sempre actual pois possui a eficácia da própria vontade de Deus. o rito sacramental não evoca apenas, mas *actualiza, re-presenta*. A memória do passado não é apenas recordação, mas possui a eficácia de actualizar esse passado. «Fazei isto em memória de mim»: fazê-lo não é festejar um acontecimento: e *participar* nele.

Como é o povo cristão sacramento de acção de graças no mundo? Como é o povo de Deus «Eucaristia» entre os homens, no seio de uma massa imensa de não cristãos?

O povo que escuta a palavra de Deus e celebra os sacramentos penetra o Mistério de Cristo, comunga nele. Comunga e participa na Incarnação e na Páscoa de Cristo. Mas por que o Mistério de Cristo — do qual são participantes — tem dimensões universais segundo a vontade de Deus de salvar todos os homens e de resgatar toda a criação em Cristo, os cristãos são lançados no mundo — que é o seu mundo — onde prolongam o Mistério de Cristo, na sua fé, no seu culto, na sua vida. Eles são palavra porque são o Cristo Incarnado na história; eles são sacramento porque realizam na história a Páscoa de Cristo. A Igreja em Concílio afirmou-se como sacramento de salvação para todo o mundo.

Os cristãos são a presença histórica da graça de Deus. Eles anunciam a palavra que santifica e realizam a Páscoa de Cristo: o testemunho cristão conserva a mesma estrutura de diálogo que possui o acontecimento de salvação em Cristo e a celebração litúrgica desse acontecimento. No fundo, o acontecimento da salvação em Cristo, a sua celebração litúrgica e o testemunho cristão são trêe etapas convergentes do mistério da salvação.

Os homens escutam na vida dos cristãos a palavra de Deus, consciente ou inconscientemente. Essa palavra é sinal da graça: produz a graça naqueles que a recebem. Esses homens procuram dar-lhe uma resposta — não ficam passivos. Essa resposta dá-la-ão na celebração dos sacramentos, no seio da Igreja visível. Mas talvez, mesmo por graça de Deus nunca cheguem pertencer-lhe. Mas não deixam de ser Igreja: são «uma cristandade sem o nome»: a Igreja visível é para todos sacramen-

tos da salvação no qual a atitude dos homens de resposta à palavra de Deus se eleva em acção de graças até ao Pai. (1).

JOÃO LOBATO

admonições

1. Rito de entrada

introdução

O Domingo é o Dia da Ressurreição do Senhor

A Igreja hoje, irmãos, tem como símbolo a cidade de Jerusalém
A sua alegria está em nos poder anunciar — hoje —
a proximidade das festas pascais.

Esta cidade foi construída com o Corpo de Cristo
e cada um de nós baptizados
é uma pedra viva da Jerusalém da Terra — a Igreja.

Destinados à Jerusalém Celeste
padecemos no nosso corpo o sofrimento e as provações
para nos prepararmos
para o encontro com o Senhor da cidade
Cristo Ressuscitado.
O Senhor é o Pão dos que habitam a cidade
Ele é o Pão preparado no Banquete
e oferecido a cada um de nós

Irmãos preparemo-nos para participar
no Banquete que o Senhor nos preparou.

oração

Para que Deus tenha em conta o nosso arrependimento
dos pecados, em silêncio oremos.

---

1 Nesta perspectiva aconselhamos vivamente a leitura do n.º 2 e 3 da conferência de Karl Rahner «*Cristãos de amanhã*», publicada pelo Apostolado da Oração.

cântico

salmo 121
sugerimos o Cântico publicado em Cantai ao Senhor um cântico novo, do Pe. M. Janeiro, pg. 8-9.

2. Liturgia da Palavra

introdução

S. Paulo faz a comparação
entre a mulher escrava e a mulher livre
para nos mostrar de que modo devemos viver:
libertos por Cristo e não como escravos do pecado.

cântico de meditação

salmo 121
como o cântico de entrada, 1.º refrão.

para a oração dos fiéis

Por toda a Igreja Católica
para que a comunhão no Pão da vida
a una cada vez mais

Pelos pobres e pelos que têm fome
para que a caridade dos cristãos
os torne participantes das riquezas deste mundo
e das riquezas da Vida Eterna.

3. Liturgia eucarística

introdução

Tal como Jesus, antes de multiplicar o Pão
e dizer-se o próprio Pão da Vida,
Irmãos, demos graças ao Senhor nosso Deus.

cântico (comunhão)

salmo 121
como o cântico de entrada

oração (depois da comunhão)

Invoquemos o auxílio de Deus
para que recebamos dignamente o Corpo do Senhor.

despedida

Desejosos de partilhar o Pão com os que o não têm,
Irmãos, Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

1.° domingo da paixão

apresentação das leituras

epístola (Heb. 9/11-15)

O autor da carta aos Hebreus apresenta-nos, no capítulo 9, uma comparação entre o sacrifício judaico da Grande Expiação e o Sacrifício de Cristo. A leitura de hoje traz-nos apenas um dos termos da comparação: o que diz respeito ao sacrifício de Cristo (ver. 11/14) e a conclusão (ver. 15).

Para lá desta comparação, é intenção do autor mostrar que a passagem da Antiga à Nova Aliança é espiritual e interior — pois que, em Cristo, o sacrifício interior e exterior estão perfeitamente integrados um no outro.

Na ANTIGA ALIANÇA, a tenda era o grande lugar do encontro de Deus com o seu Povo. Hoje, esse lugar de encontro é a humanidade de Cristo. Temos nesta sequência comparativa o rito do sangue. Por vontade de Deus, o sangue é elemento de expiação, não por poder do próprio sangue. Pelo contrário, o sangue de Jesus é eficaz por si mesmo, em virtude da sua dimensão simultâneamente portadora da remissão dos pecados e da ressurreição. É esta eficácia que, estendendo-se ao mais íntimo de nós mesmos, nos faz servir o Deus vivo, purificando-nos das obras mortas (ver pág. 14).

evangelho (Jo. 6/46-59)

«Buscais-me... porque comestes dos pães e ficastes saciados» (Jo. 6/26). S. João, no capítulo 6, dá-nos esta palavra de Jesus para nos enquadrar no drama da incompreensão do povo judeu pela acção de Jesus e, consequentemente, pela sua Pessoa.

Na leitura de hoje, S. João sublinha algo que é muito mais grave: as próprias autoridades do povo judeu, aqueles que de-

veriam reconhecer o Messias, acusam Jesus de fazer milagres para sua própria glória.

Assim compreendemos perfeitamente o v. 54, com insistência de Jesus a demonstrar que procura a glória do Pai, e não a Sua.

Temos neste texto dois temas: o da hora e o da incredulidade dos judeus.

Não serão os inimigos de Jesus que terão a iniciativa da sua morte — é a vontade do Pai que determina o dia e a hora. Onde vai aparecer uma morte determinada pelos homens, está subjacente uma vontade mais profunda e misteriosa. Por outro lado, à medida que Jesus vai fazendo progredir a revelação sobre a sua pessoa, aumenta a incredulidade, até que na última palavra «Eu sou» está consumada, aos olhos dos judeus, a blasfêmia.

catequese e tema bíblico

No tempo da Antiga Aliança, todos os povos vizinhos de Israel praticavam ritos sacrificiais; estes ritos marcavam até o ritmo existencial, tanto da comunidade como do indivíduo. A própria Bíblia dá testemunho da importância e universalidade do sacrifício, orientando a partir dele a história da humanidade caída. (Gen. 8/20).

Para o homem pagão, desde que o rito siga as condições previstas, é válido por si mesmo, é eficaz. Israel sofreu também esta tentação, fazendo Jawé surgir no seu povo profetas que intervieram para recordar que o sacrifício seria um gesto vão e hipócrita sem as disposições de coração.

Para Jawé o sacrifício é interior, informando toda a vida; o ecto externo de sacrificar é apenas valorado como significativo dessa realidade interna. Temos, assim, o primado da religião interior. É aqui que, na dinâmica progressiva das relações de Jawé com o seu povo, encontramos a Revelação profética do Servo de Jawé.

Estando profetizada a destruição do acto sacrificial «clássico», quando Jesus vem, o rito sacrificial pode desaparecer na sua forma antiga.

É que Jesus não tem que sacrificar algo estranho a si, mas é a si próprio que vai sacrificar.

De que serviria uma vítima de «substituição», se Ele mesmo é a Hóstia viva? Totalmente obediente à vontade do Pai, a humaniddade de Jesus está em perfeita conformidade com o desígnio de Deus a respeito do homem, chamado desde toda a eternidade a partilhar dos bens divinos.

Nova história do sacrifício é por nós verificada, de um modo muito particular, no momento em que Jesus sobe a Jerusalém para a «sua hora». Com os discípulos, Ele realiza o rito ancestral da Páscoa Judaica, que é rito sacrificial de comunhão. Mas realizando-a na véspera da sua morte na cruz, Ele transforma-o integralmente, tornando caduca a imolação do Cordeiro Pascal. Uma só realidade conta agora: o sacrifício de Jesus Sacerdote. Tomado pelo mistério da obediência de Jesus até à morte, o rito antigo do Cordeiro dá lugar ao novo rito de comunhão no Sacrifício de Cristo, único Sacerdote da Nova e eterna ALIANÇA, que concluiu com toda a humanidade.

O sacrifício de Jesus é o Sacrifício do Homem — Deus, pois é a renúncia total de um homem a si mesmo, na realização perfeita do destino humano no seio da Família de Deus. Longe de ser uma destruição do ser, o Sacrifício do Homem — Deus é a construção da salvação definitiva.

É o homem que morre na cruz e merece a ressurreição, a vida eterna da Sua Pessoa total. Não é sem interesse que o Evangelho do dia nos relata um diálogo de Jesus com os judeus, em que a afirmação de Jesus de que cumpre a vontade do Pai está ligada à manifestação da Sua divindade: «antes de Abraão existir, Eu sou» (Jo. 8/58).

Hoje, a Igreja só conhece um rito sacrificial: aquele que o Senhor mandou fazer «em Sua memória». Pelo Baptismo, o cristão está habilitado a «servir o Deus único» e a «reconhecer a herança eterna, objecto da promesso em Jesus Cristo Nosso Senhor».

No cap. 12 da Carta aos Romanos, S. Paulo diz claramente: «exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que apresenteis os vossos corpos como uma hóstia viva, santa e agradável a Deus, à maneira de um culto espiritual» (12/1). S. Pedro é ainda mais explícito: «(...) quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo, a oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo» (I Pedro, 2/5).

De agora em diante, todo o homem, agregado pelo baptismo ao corpo de Cristo, pode e deve construir um itinerário de obediência e de amor, pode sacrificar-se, consagrar-se, ser «hóstia viva, santa e agradável a Deus».

A Eucaristia, onde se constrói e se exprime ritualmente o sacrifício de uma comunidade cristã, exige que este mesmo sacrifício se manifeste no concreto da vida quotidiana. O culto que prestamos a Deus não tem outra fonte senão o amor de Jesus pelo Pai e por todos os homens, dado a todos os membros do seu Corpo.

Para S. Paulo, em virtude de deixar a sua terra para ir ao estrangeiro, o missionário coloca-se na situação objectiva, que exige dele o sacrifício de um amor universal; esta é a exigên- «hóstia viva, santa e agradável a Deus».

O tema do sacrifício é para nós muito salutar, pois assim podemos ver com os «olhos e amor de Deus» a unidade entre o seu amor e o que temos aos nossos irmãos.

Nós somos testemunhas de Alguém — Esse Alguém que é consagrado e comungado no rito sacramental da Eucarístia. O elo entre o Sacrifício de Cristo e o do Seu Corpo é tão estreito que estes dois sacrifícios não fazem senão um só.

palavra e rito

A Missa de hoje apresenta-nos dois temas que se intercompenetram: o justo perseguido, mas fiel à vontade de Deus (Evangelho...), e o acto sacerdotal de Cristo na Sua Paixão (Epístola...).

Mas os dois temas unificam-se: é que o sacerdócio de Cristo é constituído por esta Sua dupla atitude — obediência ao Pai e aceitação da perseguição.

A Eucaristia contém este mesmo Cristo com essa atitude espiritual.

A nossa participação na Eucaristia de hoje mergulha-nos, empenha-nos neste mistério sacerdotal de Cristo, pois que todos os fiéis, pelo sacramento do Baptismo, participam desse mesmo sacedócio.

O sacrifício é algo que nos interessa vitalmente, absolutamente. É dele que decorre para nós toda a economia da salvação, todos os desígnios salvíficos de Deus em Cristo.

Não só é algo que interessa, mas algo que manifestamos, que testemunhamos aos nossos irmãos, na vida de cada dia, pela atitude espiritual de obediência à vontade do Pai, e aceitação do sofrimento, encarado sempre no seu aspecto redentor.

admonições

1. Rito de entrada

introdução

Irmãos, estamos mais perto
do mistério da morte e da Ressurreição de Cristo.

Acompanhemos o Senhor até ao fim
na luta que Ele trava com o mal
por fidelidade ao Pai

Com Ele nós permaneceremos fiéis
e Deus nos acolherá.

cântico

salmo 42
sugerimos o cântico publicado em Cantai ao Senhor um cântico novo, do Pe. M. Janeiro, pags. 10-11, 2.º refrão.

oração

Para caminhar no amor de Deus
peçamos-lhe que guie a nossa vida.

2. Liturgia da Palavra

introdução

Ao escutarmos atentamente S. Paulo nesto epístola
descobrimos que o sacrifício de Jesus atinge-nos
a nós e a todos os homens.
Com ele partilhamos do amor de Deus Pai.

para a «oração dos fiéis»

Por todos os cristãos
para que sejam lavados no sangue do Senhor
e resplandeçam na caridade e no zelo.

por esta assembleia cristã
para que ela participe cada vez mais
em espírito e verdade
no memorial da efusão do Sangue do Senhor.

3. Liturgia eucarística

cântico (ofertório)

salmo 118
sugerimos o cântico da ficha S 118

introdução

Demos graças a Deus nosso Pai
que nos deu o Seu filho pregado na cruz
para que da Sua morte nos viesse a Vida.

cântico (comunhão)

salmo 42
como o cântico de entrada, mas o 3.º refrão

oração (depois da comunhão)

Para que Jesus nos ajude a fazer de toda a nossa vida
uma oferta agradável ao Pai

despedida

Desejosos de que a nossa vida
se torne uma constante oferta a Deus Pai,
Irmãos, Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

domingo de ramos

bênção dos ramos: (mt. 21/1-9)

Nada melhor que o próprio Evangelho para nos explicar o sentido deste rito. Pela procissão, os cristãos unem-se aos Judeus para aclamar o Senhor e seguem-no, não já para Jerusalém, mas para a Jerusalém celeste.

Ao contrário dos grandes reis da antiguidade, o Messias apresenta-se como Rei humilde e pacífico. O Senhor, que tantas vezes recusara o triunfo, agora aceita-o, manifestando assim que o Reino de Deus está próximo. Este episódio, já perto da Páscoa e em relação com ela, antecipa-nos a glória de Cristo-Rei, que só será plenamente Rei e Senhor depois da Ressurreição e Ascenção.

A Cristo que se apresenta como Messias pobre, saúdam as multidões com uma aclamação de inspiração messiânica (do salmo 117 — cântico da restauração da nova Jerusalém). E na sua preocupação constante por mostrar que Jesus é o Messias, Mateus acrescenta um título que aumenta o sentido messiânico da citação: Filho de David.

missa

epístola (filip. 2/5-11)

S. Paulo põe em relevo o despojamento total deCristo — Ele que «sendo de condição divina... se despojou a si mesmo, tomando a condição de escravo».

Este rebaixamento vem-Lhe, não do facto de ser homem, mas da renúncia voluntária a certos privilégios — pois Ele fez-se em tudo semelhante a nós, excepto no pecado. Renunciou aos

seus direitos de Senhor para experimentar a pobreza e a obediência — actos de servo. Foi por isso que o Pai «lhe deu um nome que está acima de todo o nome», «porque quem se humilha será exaltado».

evangelho (mt. 26/36-75; 27/1-60)

A ideia central desta narração é mostrar, por numerosas citações bíblicas, o cumprimento da Escritura em Cristo. Dirigindo-se aos judeo-cristãos, que esperavam antes um Messias triunfante e glorioso, o evangelista prova-lhes que os profetas tinham anunciado um Messias sofredor e humilde, e que toda a Paixão fora prevista, até aos mais pequenos pormenores. «Era preciso que assim acontecesse para que se cumprissem as Escrituras».

Os principais textos são os salmos dos pobres, os poemas do Servo de Iavé e outros de inspiração apocalíptica — como Dan. 7 e Am. 8.

O Evangelho da Paixão, em Mateus, é uma meditação sobre a admirável humilhação de Cristo, que preferiu a morte e o sofrimento, aos meios ricos e fáceis. A razão disto encontra-a o próprio autor sagrado no desígnio de Deus.

tema bíblico

a pobreza

O Povo hebreu considerava a riqueza como um sinal da benção de Deus e recompensa da vida virtuosa. Ao contrário, os pobres e humildes eram uma classe social rebaixada e pràticamente rejeitada — a tal ponto que não gozava de qualquer direito cívico.

Os bens estavam nas mãos de poucos, e os pobres eram vítimas das mais gritantes injustiças, contra as quais tanto clamavam os profetas.

Aparece a legislação do Deuteronómio a procurar evitar o agravamento da situação. Ano Sabático: Deut. 15/1ss.; no sétimo ano a contar de determinada data, marcada por Jawé, não se podia exigir pagamento das dívidas. Ano Jubilar: ao fim de 49 anos, tudo o que tinha sido de uma pessoa ou família (terras, animais..., voltava de novo à sua posse).

Mas isto não remediou grande coisa, à semelhança do que aconteceu com as maldições dos profetas.

Verificando as injustiças dos homens, os pobres voltam-se para Deus, e põem todas as suas esperanças de justiça naquele que é o único Justo. Ele salvá-los-á e libertá-los-á da situação em que se encontram. Esta libertação será o grande acontecimento dos tempos messiânicos.

«Para chegar a esta etapa, a doutrina da pobreza deverá despojar-se do seu conteúdo sociológico, a fim de designar uma disponibilidade em face de Deus».

Cristo adoptou e viveu esta pobreza: a sua missão é anunciar aos pobres a Boa-Nova dos últimos tempos; incarna a sua situação material, mas preocupa-se sobretudo por desposar a pobreza na dimensão espiritual; apresenta-se sempre inteiramente disponível perante a Vontade do Pai; aplicam-se-lhe os salmos dos pobres... A pobreza não é algo acidental no mistério de Cristo, mas constitui a dimensão essencial do seu sacrifício. «Ela é constitutiva da sua personalidade de Homem-Deus, e expressiva do desígnio do Pai, que realiza no Filho o seu projecto de salvação.»

Esta humilhação de Cristo, a sua pobreza espiritual, a disponibilidade em presença da vontade do Pai, torna-se assim «a etapa definitiva da sua glorificação e da nossa divinização». A Igreja — que é Cristo continuado, presente e actuante, hoje, no meio dos homens — à semelhança do seu fundador, esforça-se cada vez mais por ser autênticamente pobre. Procura-se realmente uma Igreja de pobres. Mais que nunca, isto é preciso no nosso tempo: neste mundo em que as riquezas se encontram nas mãos de uns tantos privilegiados; num mundo em que dois terços das pessoas passam fome e outras tantas não conhecem a Deus; no nosso mundo em que tantos sofrem as injustiças dos poderosos; neste mundo, que não presta atenção aos pobres e a todos os que sofrem.

Mas a Igreja somos nós, cada um de nós; e ela não será pobre senão na medida em que nós o formos, na vida concreta de cada dia.

Deus não exige que não tenhamos bens; mas quer que usemos deles «como se os não possuíssemos» — que os utilizemos segundo o seu plano e em ordem à sua glória.

Sobretudo, o que é necessário é esta pobreza de espírito, que nos liberta de tudo o que é terreno e nos torna conscientes das nossas limitações, para melhor nos abrirmos à acção de Deus.

catequese

o sofrimento

Para o homem judeu, a riqueza, a fecundidade, a união, são sinais da benção de Deus e constituem a verdadeira felicidade. Pelo contrário, a morte, o sofrimento e a injustiça, uma vez que são opostas à felicidade do homem querida por Deus, não podem ser senão consequência do pecado. Deus, na sua misericordiosa condescendência e na sua maravilhosa pedagogia, adaptou-se a esta mentalidade.

Assim, os profetas anunciam que, no dia em que Jawé salvar Israel, não haverá mais morte e os pobres conhecerão abundância.

Tais perspectivas vão evoluindo, pouco a pouco, com a reflexão sapiencial e o consequente aprofundamento da Fé.

«O pobre de Jawé admitirá no seu reino não é simplesmente o homem que sofreu a injustiça e apela para a vingança divina: é o que acolhe esta insegurança na obediência a Jawé, o que aceita ser despojado, porque põe n'Ele a sua segurança e não em si próprio — aquele que nem a morte nem qualquer forma de insegurança cá na terra conseguem revoltar, mas confia sempre na bondade de Deus. A figura do Servo sofredor faz penetrar muito na compreensão do sofrimento e da morte. O servo é alguém que não só aceitará a morte, mas a quem a

própria morte destruirá: «era desprezado, era a escória da humanidade, o homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles diante dos quais cobrimos o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele» (Is. 53/3).

Apesar de estar inocente, Ele é um rejeitado e um condenado.

Afronta a morte com todas as suas consequências por causa dos pecados dos homens.

Cristo e o sofrimento — A vida do Senhor termina na cruz, não como por acaso, mas como realização plena e exigência da sua vida e da sua missão. Só na cruz Ele poderá dizer que «tudo está consumado».

Morre, dando a vida por aqueles que O odiavam, porque os amava.

Ele sabe que, por esse meio, realizará a salvação dos homens, na Sua fidelidade total ao Pai. Dando a vida, ele vence a morte e passa à verdadeira vida, como primogénito da criação.

Assim, a morte muda de sentido, passando a exprimir a condição de despojamento total que o amor requer. Ela é a passagem para uma vida feliz, para um mundo novo, no qual o homem se possuirá na sua integridade espiritual e corporal.

O sofrimento de Cristo, que culmina com a Paixão e morte, realiza, pois, o destino divino do homem, abrindo-lhe as portas da Família do Pai. É que «a morte na cruz não é um elemento da nossa fé ao lado dos outros; é o centro da nossa fé. É ela que nos abre o caminho da Ressurreição, da vida eterna, da salvação definitiva no reino do Pai.»

O cristão e o sofrimento — Chamado à filiação adoptiva em Cristo, o cristão continua na sua vida e na sua pessoa o Cristo histórico («todas as vezes que fizerdes isto a um dos meus irmãos é a mim que o fazeis»).

Sendo, pelo seu sofrimento, um prolongamento do Servo Sofredor, o cristão «completa em sua carne o que falta à Paixão de Cristo», e deve afrontar a morte onde quer que ela se lhe apresente, particularmente onde ela resulta duma falta de amor ou de ódio — como a de Jesus.

Porque Ele nos amou em extremo, é que sofreu e morreu. Amou até ao dom de si mesmo e deixou este preceito: «amai-vos uns aos outros como Eu vos amei».

É este o sinal que temos para dar testemunho, perante o mundo, da nossa pertença a Cristo: «Nisto reconhecerão que sois meus discípulos».

«Amar como Jesus amou é aceitar sofrer a recusa do outro, ser condenado à morte por ter amado — é ser chamado a dar a vida pelos outros». Mas, o cristão tem uma certeza; o Senhor Jesus — e nós com Ele — venceu a morte. E a obediência à vontade do Pai até ao sofrimento e à morte dar-nos-á também a nós a posse da verdadeira vida.

«Para o cristão, existe uma relação íntima entre amor, sofrimento e morte. Ele não busca o sofrimento e a morte; mas quando eles sobrevêm, o cristão os acolherá no seu amor a Deus e aos homens».

palavra e rito

A Eucaristia de hoje torna presente, no meio da nossa assembleia, o mistério da humilhação e da glorificação de Cristo: «todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor até que Ele venha».

Pela comunhão, fazemos um com o sofrimento e a morte de Cristo.

Não como o Cristo passado, de há dois mil anos, mas com o Cristo actual — com o Cristo total que é a Igreja, continuação histórica e presença actuante e vivificande do Filho de Deus. Se a Comunhão é comunhão com Cristo actual, portanto, comunhão nos seus sofrimentos — no sofrimento de todos os homens.

Isto levar-nos-á a despojarmo-nos cada vez mais de nós mesmos, no nosso dia a dia, para, a pouco e pouco, irmos dando a vida pelos nossos irmãos — a exemplo do Senhor. Só assim sentiremos na nossa caminhada para o Pai a exaltação que se seguiu ao aniquilamento total de Jesus.

admonições

1. procissão dos ramos

introdução

Irmãos,
seguramos na mão ramos e estamos dispostos
a caminhar para o lugar da nossa assembleia
aclamando a Cristo.

Vamos mostrar sensivelmente
que somos o Povo de Deus em marcha
para a Terra prometida.

Um dia Cristo entrou em Jerusalém aclamado
como Rei por entre ramos e palmas dos Hebreus.

Acompanhemos hoje Cristo presente no meio de nós
e aclamemos a Sua caminhada para a Glória
através da morte.

cântico (distribuição)

salmo 23
sugerimos o cântico publicado pela C. L. M. S. L., ficha A

cântico (procissão)

salmo 147
sugerimos o cântico publicado em Cantai ao Senhor um cântico novo
do Pe. M. Janeiro, pgs. 40-41.
sugerimos também os cânticos das fichas C- e C2.

aviso de marcha

EM NOME DE CRISTO
CAMINHEMOS COMO UM POVO UNIDO.
SOMOS A IGREJA EM MARCHA
QUE SEGUE CRISTO ATÉ À MORTE PARA COM ELE RESSUSCITAR.
ACLAMEMOS O SENHOR.

2. entrada

introdução

O Senhor entrou em Jerusalém e aí entregou-se ao sofrimento
e à morte.

A nossa caminhada trouxe-nos também a nós à nossa Jerusalém — à Igreja — onde a morte de Cristo se vai actualizar na Eucaristia.

Jesus Cristo é o justo, sofredor e perseguido por causa dos nossos pecados.

É a Redenção que vamos celebrar.
É a morte e a ressurreição do Senhor.

A Palavra de Deus que vamos ouvir e a Eucaristia que vamos celebrar são sinais que nos comunicam essa mesma Redenção.

cântico

salmo 21
sugerimos o cântico publicado pela C. L. M. S. L., ficha B, 1º refrão.

oração

Para que saibamos sofrer como Cristo sofreu para chegarmos com Ele à Glória.

3. Liturgia da Palavra

introdução

Cristo sofreu. Cristo morreu.
À primeira vista tudo nos aparece, tal como aos apóstolos como um verdadeiro fracasso.

Na verdade Deus aceitou este aparente fracasso esta humilhação de Seu Filho para colocar o homem em plano de igualdade consigo.

Da morte Cristo passou à vida. Por isso Ele é o SENHOR.

cântico de meditação

salmo 72
salmo 21
como o cântico de entrada.

para a «oração dos fiéis»

Por todos nós aqui reunidos para que a participação no mistério da Cruz nos torne dignos de ter parte na Glória da Ressurreição de Cristo.

introdução

Agradecendo Aquele que vem em nome do Senhor
Irmãos demos graças por Ele
que Se deu todo na Cruz
por cada um de nós.

cântico (comunhão)

salmo 21
como o cântico de entrada, 2.º refrão.

oração

Para que a comunhão deste dia
fortaleça a nossa vontade no cumprimento da Lei do Senhor.

despedida

Desejosos de comunicar aos nossos irmãos que sofrem
O Amor de Deus que os salva,
irmãos ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

quinta-feira santa

apresentação das leituras

epístola (I cor. 11/20-32)

São Paulo dirige-se à comunidade eucarística de Corinto reprovando o espírito mesquinho e de inveja que havia penetrado as suas reuniões e advertindo-os de que a Eucaristia exige condições àqueles que nela participam — o amor fraterno ao nível do partilhar do pão, da bebida, da pobreza e da vida dos

irmãos. As vossas reuniões deixaram de ser a Ceia do Senhor (20), porque desprezastes o que vos transmiti (23-25). É por isso que os castigos infligidos, outrora, aos Judeus no deserto que tinham comido indignamente o maná (10, 1-11), poderão vir a ser os da comunidade, se esta continua a provocar o Senhor. Daí que, «entre vós, há muitos enfermos e adoentados e bastantes faleceram» (30).

São Paulo, servindo-se do texto de uma Igreja particular que já fixara a sua liturgia eucarística, relata a instituição da Eucaristia e insiste na sua dimensão sacrificial e memorial, unida ao apelo do Senhor para a fazermos na caridade fraterna.

evangelho (Jo. 13/1-15)

João relata a última Ceia inserindo-a na Hora do Senhor, a hora de passar deste mundo para o Pai, porque levara até ao extremo o seu amor por eles (cf 13/1). O lava-pés constituindo em si mesmo um rito de ablução normal dos Judeus, toma um sentido novo de que Pedro dá conta (13/9); já não é um mero rito de ablução, é um rito novo, é o único rito (13,8), pois ele revela o sentido essencial da Eucaristia como memorial da Redenção — «se Eu vos lavei os pés, Eu o Senhor e o Mestre, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (14). Este gesto-parábola de Jesus atinge a sua expressão mais exigente e definitiva no «mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que assim como Eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros. É por isto que todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros» (34-35). A comunhão fraterna é o testemunho na história da comunhão com o Pai, no Filho pelo Espírito para que o mundo acredite (cf. Jo. 17/20-21).

Para a compreensão do texto é importante a dupla referência a Judas (2,10) — o Senhor abaixa-se, mesmo diante daquele que, momentos depois, O havia de trair. Ele, o Senhor e o Mestre, confunde-se com o mais humilde dos servos, Ele, o Senhor-servo» (cf. Filp. 2/5-11) e desde então, na sua Paixão, manifestará pela última vez o seu rebaixamento e os apostolos abrirão os olhos e penetrarão na sua própria atitude de humildade. «É que Eu dei-vos o exemplo para que, assim como eu vos fiz, vós façais também. Em verdade vos digo: não é o servo maior que o seu Senhor nem o enviado maior do que aquele que o mandou» (Jo. 13/15-16; Mt. 20/25-27).

O condicionalismo histórico em que aparece a Carta de São Paulo e o evangelho de São João deixa-nos ver e penetrar no carácter misterioso e essencial da Refeição Eucarística: o Sacrifício de Cristo realizado numa atitude de total serviço e pobreza para «reunir num só corpo os filhos de Deus que estavam dispersos» (Jo. 11/52).

tema bíblico

Subjacente à unidade da missa parece que se pode escolher o tema do pão que, ao longo da sua evolução bíblica, chega a significar uma atitude interior, atitude esta que encontramos não só nas duas perícopas da missa como no rito eucarístico: contêm o aviltamento, a obdiência, o sacrifício espiritual e o amor de Cristo que nos convida a fazer nossas as suas atitudes.

No Antigo Testamento pode perceber-se uma oposição entre a palavra de Deus, alimento espiritual, e o pão natural. É preciso mesmo jejuar do segundo para ser capaz de se alimentar do primeiro: Ex. 24/18; 34/18; Am. 8/11. No Novo Testamento um episódio como o de Marta preocupada com o pão, e de Maria preocupada com a Palavra, é portador da mesma mensagem (Lc. 10/38-42).

O profeta Amós, anunciando a fome da Palavra de Deus, compara o pão à Palavra cf. Dt. 8/3 a propósito do maná, símbolo da Palavra).

Mais tarde, na evocação do festim messiânico, profetas e sábios falam do pão que designa a Palavra viva de Deus (Is. 55/1ss.), a Sabedoria divina em pessoa (Prov. 9/5ss).

Para Jesus, também o pão evoca a Palavra divina de que se deve viver cada dia, o pão que é a vontade do Pai sobre ele (Mt. 4/3-4; Jo. 4/31-34).

Jesus leva a imagem mais longe, declara ser Ele mesmo o pwo descido do Céu para fazer precisamente a vontade do Pai (Jo. 6/38-48). Cristo, a Palavra incarnada (Jo. 1/14), o verdadeiro pão do Céu, o pão de Deus, o pão da vida. (Jo. 6/32,

33, 35), realiza na Eucaristia a vontade profunda do Pai ao entregar a sua Carne como comida e seu sangue como bebida, para que todo aquele que O come viva por Ele, como Ele vive pelo Pai (cf. Jo. 6/55-57).

Assim, o pão significa, na Bíblia, a obediência à vontade do Pai. Não é objecto de uma simples manducação exterior, obriga o fiel a situar-se a um nível sacrificial e espiritual — o pão é o sinal de um sacrifício, o memorial de uma obediência.

catequese

a refeição pascal em israel

A mais simples refeição, na Bíblia, é já um grande gesto humano. Marca a delicadeza na hostilidade (Gn. 18/1-5; Lc. 24/29) ou testemunho de reconhecimento (Mt. 9/12), sinal de alegria pela chegada de um parente (Tb. 1/9), ou regresso do filho pródigo (Lc. 15/22-32), pode ser ainda acção de graças a Deus Salvador (Act. 16/34). Mas a refeição no Povo eleito toma uma significação particular — ela é o sinal da Aliança de Yahweh com o seu Povo, é uma refeição pascal, é um memorial das maravilhas realizadas por Yahweh ao arrancar «com mão forte e braço estendido» Israel das mãos de uma nação estranha e, por outro lado, a comunhão com Yahweh que vela continuamente sobre os seus. Em cada ano, a refeição pascal, em particular, presentifica o Êxodo, o acontecimento libertador por excelência.

Esta refeição previlegiada actualiza a esperança da salvação na «memória» das «maravilhas de Deus» de outrora. A refeição era acompanhada de imolação do cordeiro, de que o sangue recordava por sua vez a primeira Páscoa Egípcia e a Aliança concluída no Sinai, pela qual todos os filhos de Israel em reunião, recebem a Lei e prometem observá-la. «Eu vos terei, diz Yahweh, por um reino de sacerdotes, uma nação consagrada»; doravante os hebreus constituem um povo, o Povo de Deus (Ex. 19-24).

Na véspera de dar a sua vida por amor morrendo na cruz, Jesus come com os seus discípulos a refeição pascal tradicional. Presidida por Jesus, esta refeição toma um sentido novo e exclusivo, porque o memorial recebe um novo conteúdo — Jesus inaugura a refeição da nova e definitiva Aliança, selada no seu sangue, que é concluída e coroada pela morte na Cruz.

A salvação da humanidade é adquirida uma vez por todas na cruz de Jesus. Desde então, o acontecimento-chave de que é preciso fazer memória na refeição pascal já não é a saída do Egipto mas a cruz de Jesus de Nazaré. A verdadeira Páscoa de Israel e da humanidade é Jesus que a realiza. As palavras de Jesus «fazei isto em memória de Mim» (isto é, em memória da minha morte e ressureição) estão na origem do que se tornou a refeição pascal presidida por Cristo na véspera da sua morte na cruz.

Em lugar do maná, o Senhor dá a sua carne em alimento, verdadeiro pão vivificante oferecido pela vida do mundo. O pão e o vinho tomam o seu valor «sacramental» pela sua referência exclusiva e decisiva ao «corpo que vai ser dado» (Lc. 22/19) e ao «sangue da Aliança, que vai ser derramado por uma multidão em remissão dos pecados» (Mt. 26/28).

A Ceia constitui, portanto, a realização em plenitude da refeição pascal de Israel. A esperança messiânica atinge o seu termo. Jesus, o mediador da Aliança definitiva, realiza na sua pessoa a comunhão entre Deus e os homens. Esta comunhão é, desde então, possível porque se realiza na resposta perfeita e total do Homem-Deus à iniciativa salvífica do Pai. Este sacramento da unidade no Cristo, preanunciado na palavra do Senhor àcerca da sua morte na cruz: «quando Eu for elevado acima da terra, atrairei todos a Mim» (Jo. 12/32), é o sacramento do amor porque per Ele somos assumidos no coração do Pai único e porque não, e pelo seu Espírito começámos a amar todos os homens como Ele ama o mundo.

A Eucaristia é também o anúncio de um outro banquete — o festim escatológico — «tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, pois vos digo que já a não comerei até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus» (Lc. 22/15-16). E ainda: «em verdade vos digo: já não beberei

do produto da videira até àquele dia em que o hei-de beber de novo, no Reino de Deus» (Mc. 14/25).

A Igreja perpetua na história até que o Senhor venha o seu Sacrifício, pois «o nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi entregue, instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar através dos séculos, até que Ele volte, o Sacrifício da Cruz, e ainda para confiar à Igreja, sua dilecta Esposa, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento do amor, sinal da unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Jesus é recebido, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura». (Const. Lit. II/47).

missa na igreja e missa na vida

A Igreja, na sua procura permanente de fidelidade ao Cristo, pretende manifestar claramente e com maior insistência aos cristãos e a todo o mundo a sua natureza e missão espirituais — mistério de unidade na caridade, gerado na Páscoa do Cristo.

A eucaristia é por excelência a Páscoa do Cristo; nela ao mesmo tempo se manifesta e se realiza a unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo. Ao comer do pão eucarístico, do Corpo do Senhor, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós — «por ser um só pão, nós, que somos muitos, constituimos um só corpo, visto participarmos todos do único pão». (ICor. 10/17).

A eucaristia constitui o centro e o termo de toda a vida da Igreja; nela nos encontramos uns com os outros com todo o peso da nossa existência pessoal e comunitária — o trabalho, a oração e a acção apostólica, a vida conjugal e familiar, o descanso do espírito e do corpo, as angústias, as incertezas, o sofrimento e o pecado da nossa vida, a opressão, a injustiça, a fome, a guerra, e o desrespeito que enfermam a vida de multidões dos nossos irmãos — oferecendo ao Pai, juntamente com Cristo, a nós mesmos, os nossos irmãos do mundo inteiro e todas as coisas criadas. (cf. L. G. 34 e Presb. Ord. 5).

Os sacramentos, sobretudo a Eucaristia, comunicam e alimentam nos cristãos aquele amor que é a alma de todo o apostolado,

de toda a missão. É na reunião vital, pessoal e comprometida com o Cristo que reside a fecundidade de todo o apostolado, segundo a Sua palavra «aquele que permanece em Mim e em quem Eu permaneço, esse produz muito fruto; pois sem Mim nada podeis fazer» (Jo. 15/5). Esta vida de íntima união com Cristo na Igreja, realizada sobretudo na comunhão eucarística, é o fundamento e o centro da missão de serviço que a Igreja, segundo a vontade de Deus, incessantemente deve realizar no mundo até que toda a humanidade se transforme em Povo de Deus e em Cristo se dê ao Pai toda a honra e toda a glória. (cf. L. G. 17 e 35; Ad Gentes II).

A comunhão eucarística — sacramento do amor, sinal da unidade, vínculo da caridade — é o testemunho da nossa comunhão já vivida com os irmãos, do nosso compromisso e responsabilidade no serviço fraterno, da construção de um mundo penetrado do espírito de Cristo para que na justiça, na verdade e na paz, atinja mais plena e eficazmente o seu fim.

Deste modo, por meio dos membros da Igreja, Cristo iluminará cada vez mais a humanidade inteira com a sua luz salvadora. Numa palavra — sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo. (cf. L. G. 36 e 38; Apost. Leig. I e II).

Cada cristão deve ser, na história, uma testemunha da ressurreição e da vida do Cristo e um sinal do Deus vivo. «Se Eu vos lavei os pés», «como Eu vos amei»: é no Cristo que o amor fraterno se torna terrìvelmente exigente e comprometedor. Não é um amor qualquer, é amar como Ele amou: os com fome, os sem vinho, os sem habitação, os que trabalham em vão, os doentes, os pobres, as prostitutas, os publicanos, os oprimidos e os perseguidos — todos os convidados ao Reino à frente dos ricos. (cf. Mt. 25/31-46; Lc. 19/1-10; Jo. 8/1-11).

«Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão, que vê, não pode amar a Deus, que não vê; ... «Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo seu irmão na necessidade, lhe fechar o coração, como pode residir nele o amor de Deus?... Quem não ama permanece na morte;... Filhinhos, não amemos por palavras e com a língua, mas por obras e em verdade;... Nisto conhecemos o Amor: Ele ofereceu a sua vida por nós. E nós devemos oferecer as nosas vidas pelos irmãos;... Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos». (1 Jo. 3-4).

Na pobreza e na coragem de coração deixemo-nos julgar pelas palavras do Concílio — «a Igreja solìcitamente se preocupa e esforça por que os fiéis não assistam a este mistério de fé como estranhos ou mudos espectadores; antes, entrando bem na inteligência dele através dos ritos e das preces, participem na acção sagrada de modo consciente, interior e activo, sejam formados pela Palavra de Deus, se alimentem da mesa do corpo do Senhor, dêem graças a Deus, aprendam a oferecer-se a si mesmos ao oferecerem a vítima sem mancha, não apenas pelas mãos do sacerdote mas também juntamente com ele, e, dia após dia, por Cristo mediator, sejam levados à perfeição da unidade com Deus e entre si, até que finalmente Deus seja tudo em todos». (Cons. Lit. II/48).

ERNESTO FERNANDES

admonições

1. rito de entrada

introdução

Irmãos.
terminou a Quaresma, tempo da preparação da Páscoa do Senhor.

Reunimo-nos aqui, esta tarde para celebrarmos antecipadamente
a vitória de Cristo sobre o pecado.
Como outrora aos apóstolos, também hoje nos dá
o Pão Vivo: o Seu Corpo entregue por nós;
e o mandamento novo: que nos amemos uns aos outros
como Ele nos amou sobre a cruz.

cântico

salmo 66
sugerimos o cântico publicado em Cantai ao Senhor um cântico novo do Pe. M. Janeiro, pgs. 44-45, 3.º refrão.

oração

Para que o nosso arrependimento seja como o do bom ladrão,
imploremos a misericórdia do Senhor.

2. liturgia da palavra

introdução

Hoje Deus revela-nos o Mistério da Eucaristia.
Mistério de Amor e de união entre os homens.
Só o viveremos quando formos capazes de servirmos os outros,
quando formos capazes de lavar os pés ao mais pobre dos nossos irmãos.

para a «oração dos fiéis»

Pelo aumento da justiça e do amor entre os homens;
para que cada cristão
se ponha humildemente ao serviço dos mais pobres.

Por todos nós aqui reunidos
em volta da mesa do Senhor
para que a celebração da Ceia
nos torne servos de todos os homens.

3. lava pés

(O presidente deve introduzir este rito durante a homilia).

cânticos

sugerimos os cânticos publicados em Eucaristia, do Pe. Manuel Luís, pg. 38 e 36.

oração final

Para que este sinal do lava-pés nos obtenha o que significa
oremos ao Senhor.

4. liturgia eucarística

introdução

Na alegria, por nos sabermos amados,
irmãos, demos graças ao Pai Eterno
porque nos enviou o Seu Filho para ser nosso servo.

agnus Dei

Vai-nos ser dado em alimento
o CORDEIRO DE DEUS que tira os pecados do mundo.
suplicaremos por três vezes: «tende piedade de nós».

oração

Para que o Pão Vivo nos dê a Vida Eterna
oremos ao Senhor.

despedida

Alimentados com o Corpo do Senhor
e com a Palavra de Deus
caminhemos ao encontro dos nossos irmãos
mostrando-lhes o amor de Deus Pai.
Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

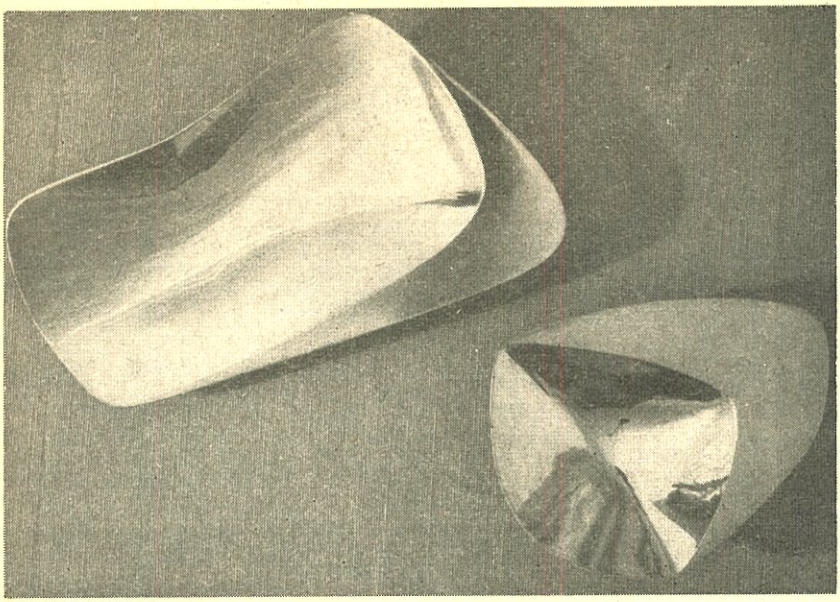


BP GÁS

a todos satisfaz

esteja onde estiver, vá para onde for não tenha preocupações, consulte o nosso agente





CONCHA DE BAPTISMO E BANDEJA DE COMUNHÃO

desenhos do P. JOÃO BENTES PIMENTA

UNIÃO GRÁFICA – LISBOA

Celebrações da Palavra de Deus

Colecção de 6 celebrações da Palavra para o

TEMPO DA QUARESMA

pedidos: **A Palavra e o Tempo**
Seminário dos Olivais
Lisboa 6

MÁQUINAS DE COSTURA — RADIADORES E CALDEIRAS PARA AQUECIMENTO CENTRAL — FERROS DE ENGOMAR — CALORÍFEROS — FOGÕES DE COZINHA — BANHEIRAS, LAVATÓRIOS COLECTIVOS E OUTRO MATERIAL SANITÁRIO DE FERRO ESMALTADO — MARMITAS E EQUIPAMENTO COMPLEMENTAR PARA GRANDES COZINHAS — MATERIAL PARA LAVANDARIAS — BOMBAS CENTRÍFUGAS E MANUAIS — TORNOS DE BANCADA DE FERRO FUNDIDO — VENTOINHAS PARA FORJAS — MOTORES DE EXPLOSÃO DE PEQUENA CILINDRADA — ABRIGOS PARA BICICLETAS, MOTORIZADAS E MOTOCICLETAS — ACESSÓRIOS DE FERRO MALEÁVEL PARA CANALIZAÇÕES — ACESSÓRIOS PARA LINHAS DE ALTA TENSÃO — TUBOS PARA CANALIZAÇÕES E OUTROS USOS — OBRA DE FERRO FUNDIDO NORMAL E DE FERRO MALEÁVEL — GALVANIZAÇÃO DE ARTIGOS DE FERRO

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, LDA.

OLIVA

S. JOÃO DA MADEIRA

ALGUMAS NOVIDADES

- **ANÚNCIO DE JESUS CRISTO**
  de J. Claude-Barreau (3.º da col. SÍNTESE) . . . . . 25$00
- **COMO SE VISSE O INVISÍVEL**
  de J. Loew (4.º da col. SÍNTESE). . . . . 25$00
- **OS GRUPOS SOCIAIS — FORÇAS VIVAS!**
  de Henry Thery (4.º da col. FORMAÇÃO HUMANA) . . . 40$00
- **MORAL CONJUGAL NO SÉC. XX**
  Origens e perspectivas, de P. E. Charbonneau . . . . . 82$50

Acaba de sair o 2.º ALBUM da col. **LITURGIA E PASTORAL** sobre a doutrina cristã do CASAMENTO. Cada 7$50

LIVRARIA SAMPEDRO EDITORA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 10-2.º — LISBOA-1

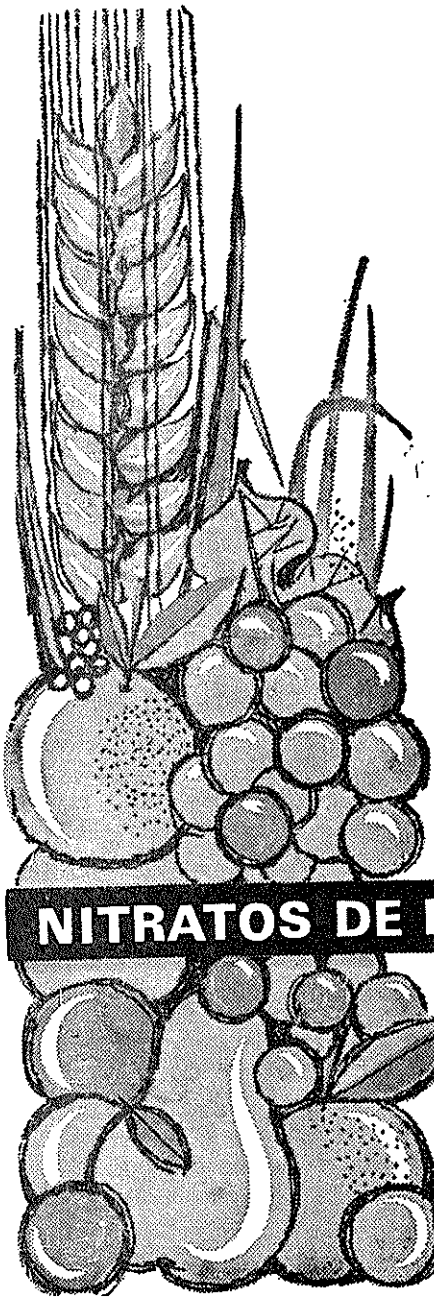
Telefs. 4 67 72 · 4 67 15

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

Rua dos Navegantes, 53 - 2.º

LISBOA



Produziram em dois anos mais de 290 000 toneladas

NITROLUSAL, com 20,5 % e 26 % de azoto, metade nítrico, metade amoniacal.

NITRATO DE CALCIO com 15,5 % de azoto nítrico.

NITRAPOR — complexo binário com 20 % de azoto e 18 % de potássio.

Destes quantitativos foram exportados em menos de três anos para Espanha, África do Sul, Roménia, Rodésia, Checoslováquia, Líbano, Síria, Austrália, Tailândia, Chipre, Turquia, Inglaterra, etc, muitas dezenas de milhar de toneladas que corresponderam a mais de 200 000 contos de divisas entradas no País.

Após diversos ensaios industriais e agrícolas vão ser lançados no mercado:

NITRAFÓS — complexo binário.
NITRAPÉS — complexo ternário.

NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.



Os adubos dos **NNNN** são, sem dúvida, os **ADUBOS DAS BOAS COLHEITAS.**

Prefira-os

NÃO POUPE NOS ADUBOS!